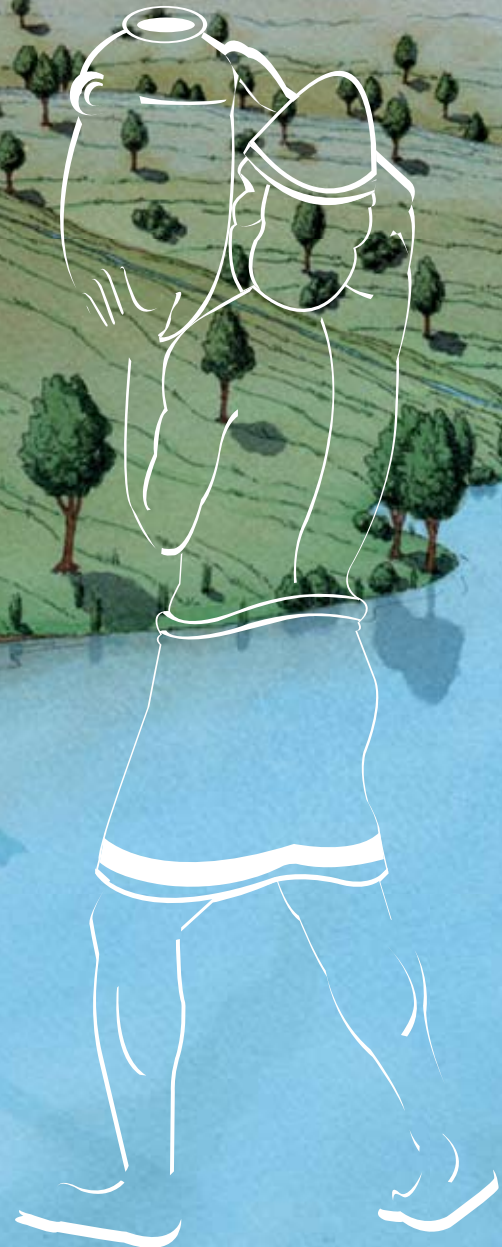
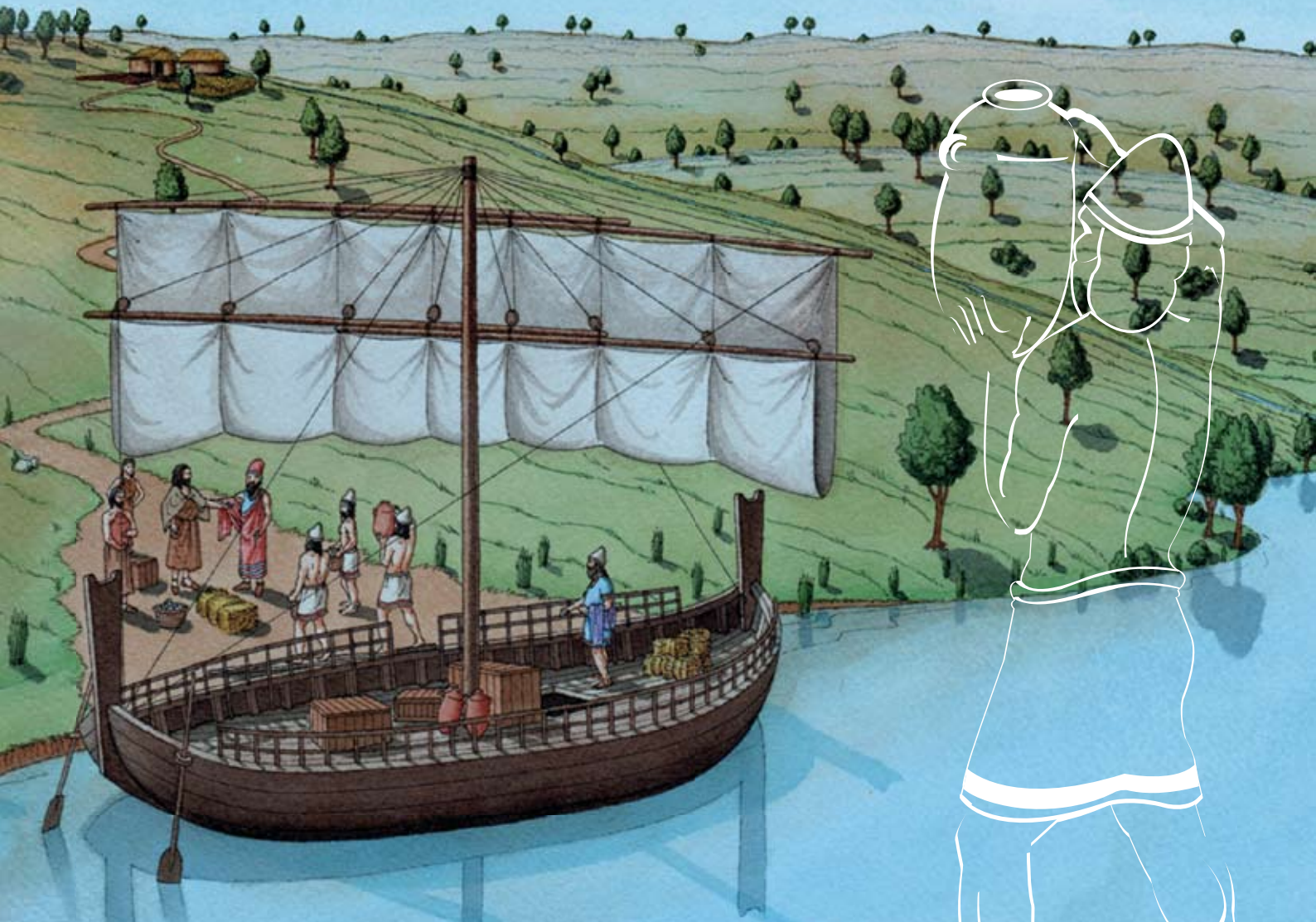




Cira Arqueologia

N.º **2** SET'13

O Tejo, palco de interação entre Indígenas e Fenícios





Cira Arqueologia

N.º **2** SET'13

O Tejo, palco de interação entre Indígenas e Fenícios



www.cm-vfxira.pt



www.museumunicipalvfxira.pt

TÍTULO: *Cira Arqueologia Online* | PROPRIEDADE: Museu Municipal Vila Franca de Xira | EDITOR: Câmara Municipal Vila Franca de Xira
COORDENAÇÃO GERAL: David Santos | COORDENAÇÃO EDITORIAL: João Pimenta | DESIGN: Patrícia Victorino | PAGINAÇÃO: Susana Vale
REVISÃO DE TEXTO: João Pimenta e Patricia Ramos | IMAGEM CAPA: Ilustração Histórica Povoado de Santa Sofia, de César Figueiredo
LOCAL DE EDIÇÃO: Vila Franca de Xira | DATA DE EDIÇÃO: setembro de 2013 | ISSN: 2183-0584
CONTACTOS: museumunicipal@cm-vfxira.pt

In memoriam do Professor Doutor Pedro Fialho

O povoamento pré-romano de Freiria – Cascais

GUILHERME CARDOSO E JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Análise Espacial

➤ O nosso estudo incide numa área geográfica que é a baixa península de Lisboa. Delimitada, a sul, pelo estuário do Tejo e pelo Oceano Atlântico, compreende os concelhos de Lisboa, Amadora, Oeiras, Cascais e a zona meridional do município de Sintra.

A região tem um relevo acentuado, onde as elevações e as depressões de origem tectónica interferem com as formações de erosão – vales encaixados, superfícies de aplainamento incompletas, à mercê das rochas mais brandas. Tudo salpicado por chaminés basálticas, cuja forma, extensões e altitudes são as mais variadas.

A Serra de Sintra é a mais alta elevação da região com 519 m, seguindo-se grande número de cabeços, de que se salientam: Monte Abraão, 232 m; Monsanto, 228 m; Alfragide, 210 m; Alto dos Cabelos, 178 m; Manique, 197 m; e Alcoitão, 157 m. Estas elevações fazem parte de uma pequena serra denominada Achada, que é uma ramificação da Serra de Sintra, para o lado sul (Ávila e Bolama, 1912, 74).

Maioritariamente calcário, o subsolo da região é de origem secundária, do Jurássico Superior e do Cretácico, formado em fundos marinhos profundos. A norte, o batólito de granito da Serra de Sintra, elevou-se há cerca de 70 milhões de anos, no final do Mesozóico, obrigando as rochas do Jurássico Superior a elevarem-se. Os magmas que então escaparam das profundezas do manto preencheram as fendas dos calcários dobrados pelas forças tectónicas. Dessa época ficaram várias chaminés e pequenos mantos de basalto que cobrem áreas de excelentes solos agrícolas.

No Terciário, o mar continuava a cobrir toda a zona. A foz do Tejo espraiava-se por toda a área oriental do concelho de Cascais até Lisboa e nos fundos marinhos depositava-se uma nova série de materiais, que deram origem às chamadas aréolas de Estefânia, durante o Aquitaniano, e aos calcários de Entrecampos, durante o Burdigaliano.

O Quaternário encontra-se demarcado por diversos níveis de praias pouco nítidas, no Calabriano (± 150 m) e Siciliano I (± 100 m), em contraste com os vestígios das praias do Siciliano II (± 60 m) e Tirreniano II (4-515 m), bem visíveis junto ao litoral. O Tejo tinha a sua foz mais a sul do que a actual, desaguava inicialmente a norte do cabo Espichel onde hoje se localiza a lagoa de Albufeira e só mais tarde modificou o curso da foz do seu leito

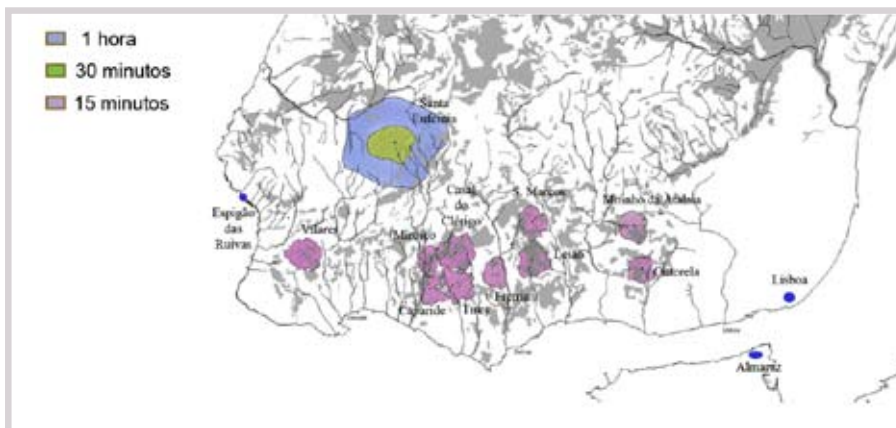
para actual saída.

Diversas ribeiras atravessam a região, sendo as mais importantes (de nascente para poente): Alcântara, Algés, Jamor, Barcarena, Paço d'Arcos, Lage, Junqueiro, Caparide, Bicesse, St.^a Rita, Caneira, Abuxarda, Vinhas, Mochos e Charneca.

O clima é ameno, de tipo mediterrânico, com médias

Figura 1

Mapa geral do lado sul da península de Lisboa. Nele estão registados os pontos onde surgiram os principais achados da I e II Idades do Ferro. As cores indicam trajectos percorridos a partir de um ponto central: roxo - áreas dos percursos de 15 minutos; verde - 30 minutos; e a azul - 60 minutos. As manchas cinzentas indicam os terrenos de melhor aptidão agrícola, das classes A e B.



anuais de temperatura mínima de 11° C e máxima de 21° C. Bastante ventoso durante o Verão, com ventos predominantes de norte, e pouco no Inverno, época em que predominam de sul. O sol brilha num céu sem nuvens durante grande parte do ano, sendo raros os nevoeiros.

Procuramos desde 1993 (Cardoso e Encarnação, 1992-93, 203-217) apresentar dados de produção do *fundus* de Freiria.

A nossa análise é, pois, sobre a zona oeste de Lisboa onde se insere o sítio de Freiria. Nos sítios escolhidos foram realizadas já intervenções arqueológicas ou neles foram feitas observações *in loco* por diversos investigadores, que possibilitaram atribuir-lhes, devido à área de dispersão de vestígios arqueológicos, as características de ocupações do período sidérico.

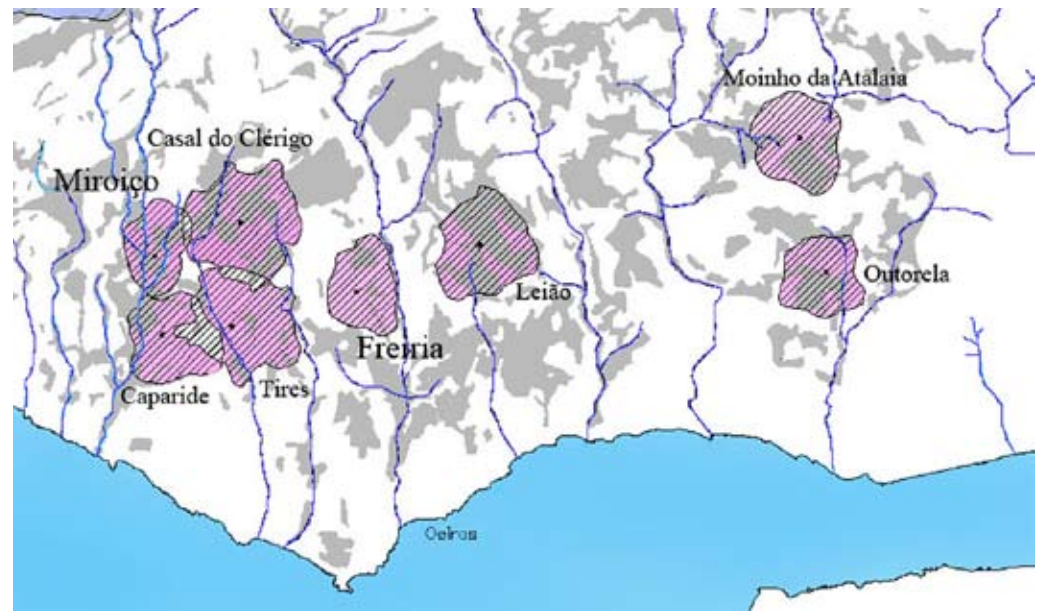


Figura 2
Parte do mapa onde se integram os sítios de Freiria e Miroiço.



Figura 3
Imagem de satélite da foz do rio Tejo com a localização dos pontos analisados.
Base: Google Earth.

Também no trabalho final de licenciatura de um de nós (G. C.)¹ se utilizou este método para analisar um período que abrangia o Neolítico Final até ao Calcolítico Final a ocidente de Lisboa, verificando-se então que existem alguns cuidados a ter com este tipo de estudos geográficos:

1º – *A questão da classe de produtividade dos terrenos.* As que apresentamos são as actuais, o que levanta a questão de poderem divergir das do passado, devido às sucessivas lavras a que estiveram sujeitos os terrenos ou, mesmo, a condicionantes ambientais que se fizeram sentir durante tanto tempo e, mais recentemente, ao factor urbanístico, que tem avançado sobre todo o território estudado, principalmente a partir do século XIX e, fundamentalmente, na segunda metade do século XX.

2º – *As jazidas poderão não ter coexistido no mesmo lapso de tempo.* Não temos modo de suplantar a questão, devido não só aos poucos dados fornecidos pelas escavações arqueológicas, mas também porque temos consciência de que tal será sempre difícil de saber. A forma de suplantar esta deficiência foi a divisão em períodos latos, como seja a Idade do Ferro, possibilitando-nos assim verificar a ocupação do espaço estudado, em relação aos modelos aplicados nas diversas épocas e, deste modo, as alterações sofridas.

3º – *As funções que os sítios tiveram no mesmo momento,* pois poderiam ter sido diferentes entre si. Foi uma questão que nos vimos forçados a não ter em consideração, devido à falta de dados sobre o assunto, preferindo integrar os sítios em contexto de unidades rurais, como fora proposto por João Luís Cardoso (Cardoso, 1995) e Ana Arruda (Arruda, 2005, 57).

A nossa análise incidiu assim sobre a área sudoeste da península de Lisboa, com o eixo cardeal a passar nas imediações de Freiria. É nítida na carta topográfica em que se insere a nossa análise, uma dicotomia espacial entre as zonas norte e a meridional, provocada pela cordilheira formada pela Serra de Sintra, a poente, e a de Montachique, a nascente.

Tirando os casos do Espigão das Ruivas, de Lisboa e de Almaraz, todas as outras estações arqueológicas da Idade do Ferro se encontram a mais de 2 km do litoral.

Dominam essencialmente as zonas dos vales, por se situarem em planaltos, havendo apenas a excepção de Freiria, que está localizada no fundo de uma encosta de vale, sem grande visibilidade, mas dotada de abundante manancial.

A média de cota situa-se nos 97 metros de altitude. A menor percentagem de sítios fica abaixo dos 70 metros e acima dos 120, com a maioria entre os 90 m e os 120 metros.

Notório o fraco povoamento na Antiguidade tanto a norte como a sul do eixo central este-oeste. De momento, o facto carece de justificação, a não ser no que respeita ao lado sul, por estar mais próximo do litoral e, por isso, sujeito a ataques de surpresa.

Observa-se que as distâncias entre sítios correspondem a percursos de 15 minutos ou menos, se tivermos em conta os casos de Miroiço, Clérigo, Caparide e Tires, onde os percursos se sobrepõem parcialmente devido a questões de relevo. Diga-se que o relevo mais ou menos acentuado é o factor principal da variação das áreas de influência de cada ponto central.

As ribeiras de maiores dimensões, caso da Lage e da de Caparide, devem ter servido de limites naturais geográficos, como é o caso de Freiria, que está delimitada, pelo lado oriental, pela ribeira da Lage. A ribeira das Marianas delimitava os territórios entre o Casal do Clérigo e o de Miroiço, e o de Tires do de Caparide. A ribeira de Caparide aparenta limitar o território do sítio de Caparide a poente.

Por sua vez, os achados da Serra de Sintra na área de Santa Eufémia e Castelo dos Mouros, onde os terrenos de aptidão agrícola se encontram a mais de meia hora de caminho, parecem indicar que estamos em presença de locais de defesa e pontos sagrados de um território maior.

O Sítio Arqueológico de Freiria

Tínhamos já detectado indícios, em 1980, da ocupação sidérica em Freiria, através da presença dos materiais arqueológicos que os trabalhos do amanho das terras e extracção de pedra trouxeram à superfície do solo ao longo dos séculos.

A observação do sítio através de prospecção de batidas sistemáticas do terreno, aliada aos resultados das escavações arqueológicas, permite-nos hoje afirmar que a distribuição dos achados da Idade do Ferro cobre uma vasta área que vai desde os terrenos da margem esquerda da pequena ribeira que nasce na várzea de Polima e corre a oriente da *villa* romana, até à zona poente da *pars urbana*. Pelo norte, o limite aparenta ser um muro de dupla fiada de grandes lajes colocadas em cutelo, no quadrado 21/2 (20 m a norte da área A), e do lado oposto situar-se-ia no lado meridional das chamadas ‘termas sul’.

Para sul, os materiais da ocupação sidérica existem em número significativo entre o lagar e o lado meridional das referidas termas sul, principalmente na lixeira localizada entre uma zona de corte de uma pedreira, anterior ao depósito, e a abside oriental das referidas termas.

A quase ausência de estruturas nesta grande área, com cerca de um hectare, deve-se ao hábito de os *structores* romanos procurarem construir os alicerces dos seus edifícios em solo fixo. Retiraram, por isso, não só a terra que cobria o substrato calcário mas também os restos das ruínas das construções da Idade do Ferro e do Calcolítico, aproveitando as pedras

que utilizaram nas suas construções. Já mais recentemente, durante o último quartel do século XIX e a primeira metade do século XX, foram abertas no local diversas pedreiras a céu aberto que acabaram por eliminar grande parte dos vestígios existentes.

Também na área da necrópole, existem, dispersos por todas as camadas arqueológicas que compõem o sítio, fragmentos de cerâmicas do mesmo período, o que levanta a hipótese de o local já servir para enterramentos naquela época, não confirmados, porém, pelas sondagens que ali realizámos nos anos de 1998 e 1999.

Pouco pode dizer-se dos vestígios observados no lado oriental de Freiria, visto que aí não fizemos escavações. Tivemos, no entanto, a hipótese de ver o que se passava em profundidade, quando foi aberta, em 1998, uma vala ao longo da ribeira, no sentido norte-sul, para instalação de uma conduta de esgoto. Os vestígios que se observavam à superfície prolongam-se até uma profundidade de cerca de um metro, no meio de uma camada de

Figura 4
Planta geral das estruturas encontradas em Freiria. A azul muros, a amarelo locais com achados da Idade do Ferro, de que se fala no texto.



lascas e pequenas pedras, provenientes dos resíduos das pedreiras que ali laboraram, como se disse, desde os finais do século XIX até meados do século XX e que se estendiam até às proximidades dos últimos quadrados que abrimos no lado nascente da escavação. Os restos materiais são constituídos por fragmentos de ânforas e outros recipientes, bem como cossoiros. No lado norte da referida vala observavam-se ainda, à mistura, cerâmicas da chamada “cultura campaniforme”.

Área Nordeste da Idade do Ferro

Por ser a primeira zona em toda a jazida arqueológica na qual encontrámos vestígios de estruturas da ocupação da referida época, passámos a identificá-la por sector da “Idade do Ferro”.

Na verdade, corresponde ao ponto mais alto do lugar, ligeiramente aplanado, dominando perfeitamente toda a zona.

Quando escavámos o quadrado 15/11, a norte das ruínas do lagar romano, encontrámos as primeiras estruturas atribuíveis à Idade do Ferro, área C. Por motivos que desconhecemos, não existiam fragmentos de telha naquele quadrado, nem nos 15 metros a norte da parede setentrional do lagar.

Perante aquela estranha situação, e como não sabíamos o que encontráramos, decidimos então apenas proceder ao levantamento do estrato superior de terra humosa, colocando as estruturas à vista, mas sem aprofundar abaixo destas, guardando a oportunidade de se proceder mais tarde à sua escavação integral, após termos uma ideia mais concreta do que se tratava (diga-se que essa área da Idade do Ferro ainda se encontra por escavar).

Observou-se então que estávamos em presença de um recinto murado pelo lado nascente, ligeiramente elevado em relação ao terreno. No seu interior, duas paredes de alvenaria, de uma habitação rectangular, com um lar constituído por uma pedra horizontal, delimitada lateralmente por duas outras colocadas em cutelo.

O alicerce do pequeno muro delimitativo do recinto assenta directamente sobre a rocha. Encostado àquele pelo lado poente, corre um lajeado no sentido norte-sul, que desaparece por debaixo de estruturas romanas apenas parcialmente escavadas em 1999.

A oriente destas ruínas, numa cota ligeiramente mais baixa, descobriram-se outros vestígios do mesmo período, bem como do Calcolítico Final, área A/B. Procedemos, assim, nesta área, à escavação integral, que se justificava pela escassez de terra ali existente sobre a camada rochosa e onde os estratos arqueológicos mais profundos teimavam em manter-se relativamente intactos, apesar de sujeitos, há séculos, a sucessivas lavras do solo e só ocasionalmente é que se preservaram testemunhos de alguns muros, mesmo assim com as pedras marcadas pelos ferros dos arados.

Figura 5

Fotografia da área C, tirada de poente para oriente. Em primeiro plano e no lado direito muros do período Romano.

Figura 6

Um dos pisos lajeados da Idade do ferro que se encontram no lado nascente da área C.





Figura 7
Muros da área A.

Figura 8
Planta da área A/B.
A zona colorida
corresponde aos
quadrados 21/8 e 21/9
da área A.

Muros rectilíneos, formados por grandes e médios blocos de calcário local, colocados em dupla fiada e travados por perpianhos, pertenceriam certamente à estrutura de um edifício destruído pela lavoura. O piso deste edifício apresenta uma regularização preparatória feita com um enrocamento de pequenas pedras, ao qual se seguia um piso de terra batida.

No recanto de um largo muro, de paredes direitas, protegido por uma grande pedra que terá caído da antiga parede, encontraram-se dois estratos, sendo o primeiro constituído por terras revolvidas pelo cultivo agrícola, onde abundavam fragmentos de recipientes cerâmicos de cozedura oxidante. A segunda camada que assentava num enrocamento de pequenas pedras, era constituída por terra humosa com alguns carvões e cerâmicas de pasta fina, de tons castanhos e cinzentos/negros. As duas camadas não tinham mais de vinte centímetros de altura e a sua preservação deveu-se à existência do muro que obrigava os arados a subirem naquele ponto.

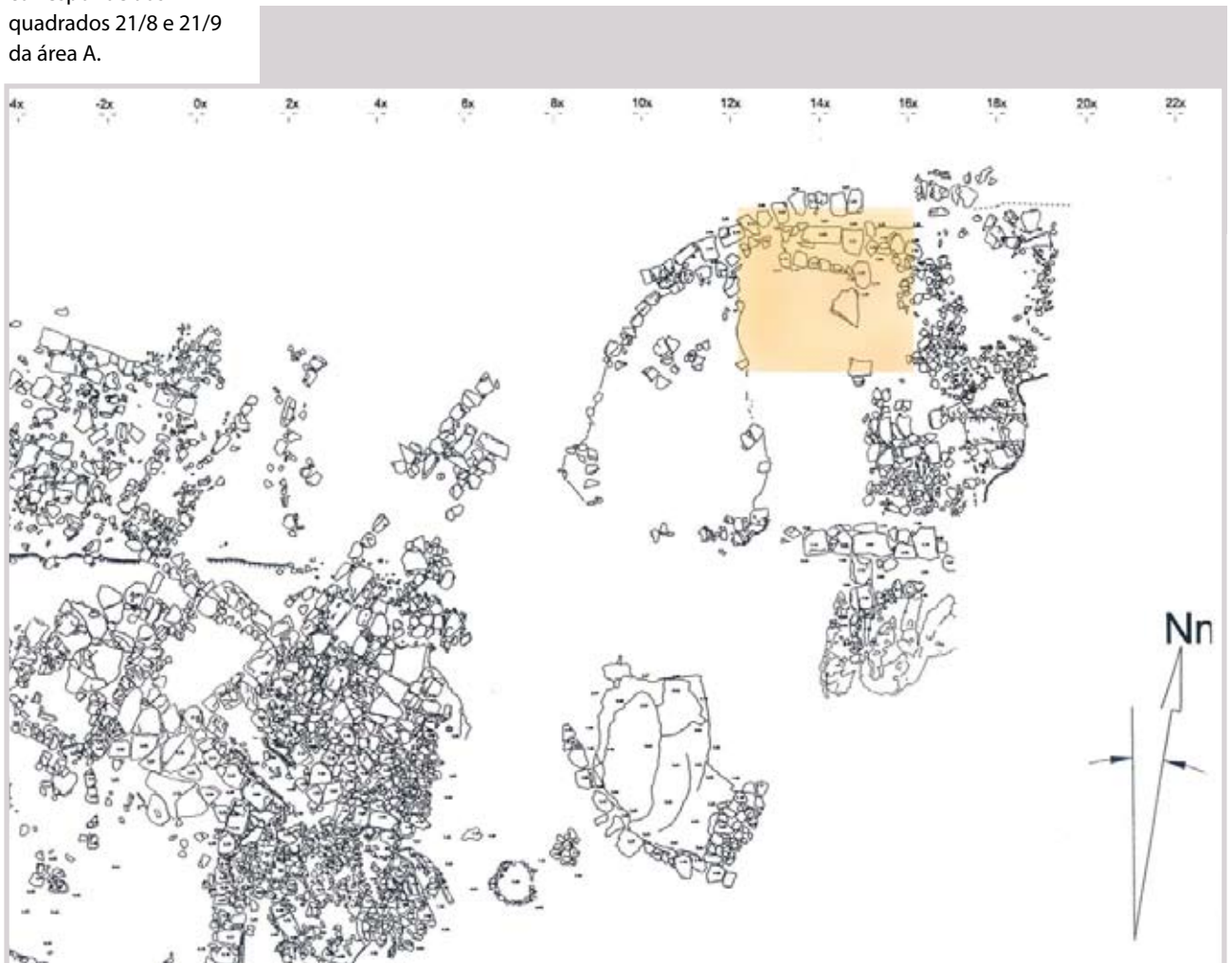




Figura 9
Cerâmicas *in situ*
na área A.

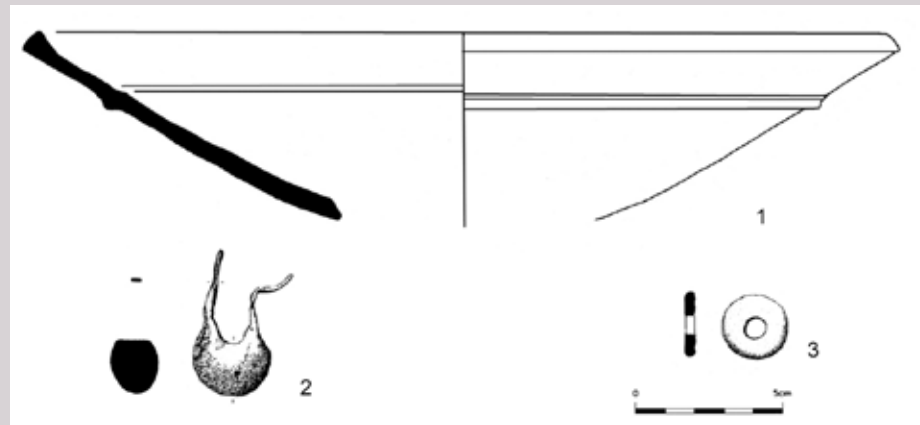


Figura 10
Taça de pasta
cinzenta, elemento de
xorca e conta discoidal
de osso do estrato 1,
da área das estruturas,
quadrados 21/8, 21/9
e 23/9.

No quadrado 21/8, junto ao piso, estrato 2, recolheu-se um fecho macho de cinturão de bronze, do tipo tartéssico, de três ganchos, conjuntamente a outras peças.

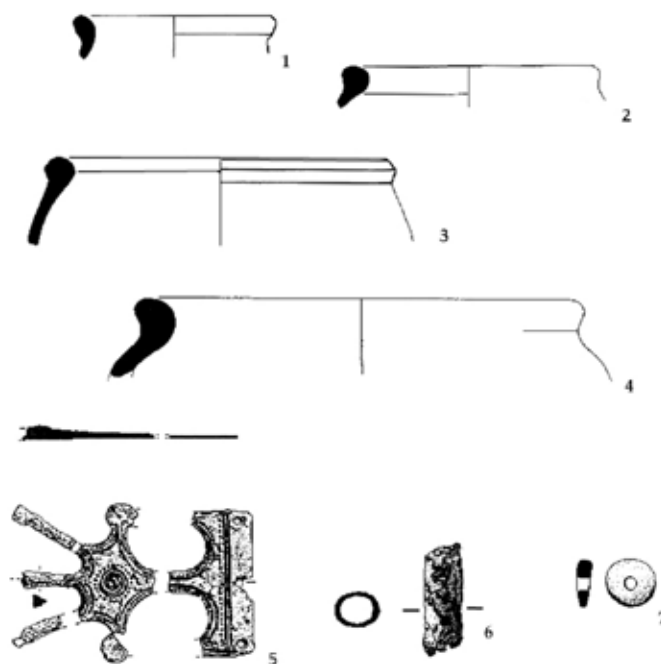


Figura 11
Cerâmicas e metais
do estrato 2, dos
quadrados 21/8, 21/9,
22/9 e 22/10. 1-4,
pithoi; 5, fecho macho
de cinturão de bronze;
6, alvado de ferro
possivelmente de
uma ponta de lança; 7,
conta discoidal
de osso.

Fossa/ Fundo de Cabana, Quadrados 20/10-11

Em 1996, iniciou-se a escavação de uma fossa de contornos irregulares, subcomprida, aberta no substrato rochoso de calcário amarelo, durante o período da Idade do Ferro.

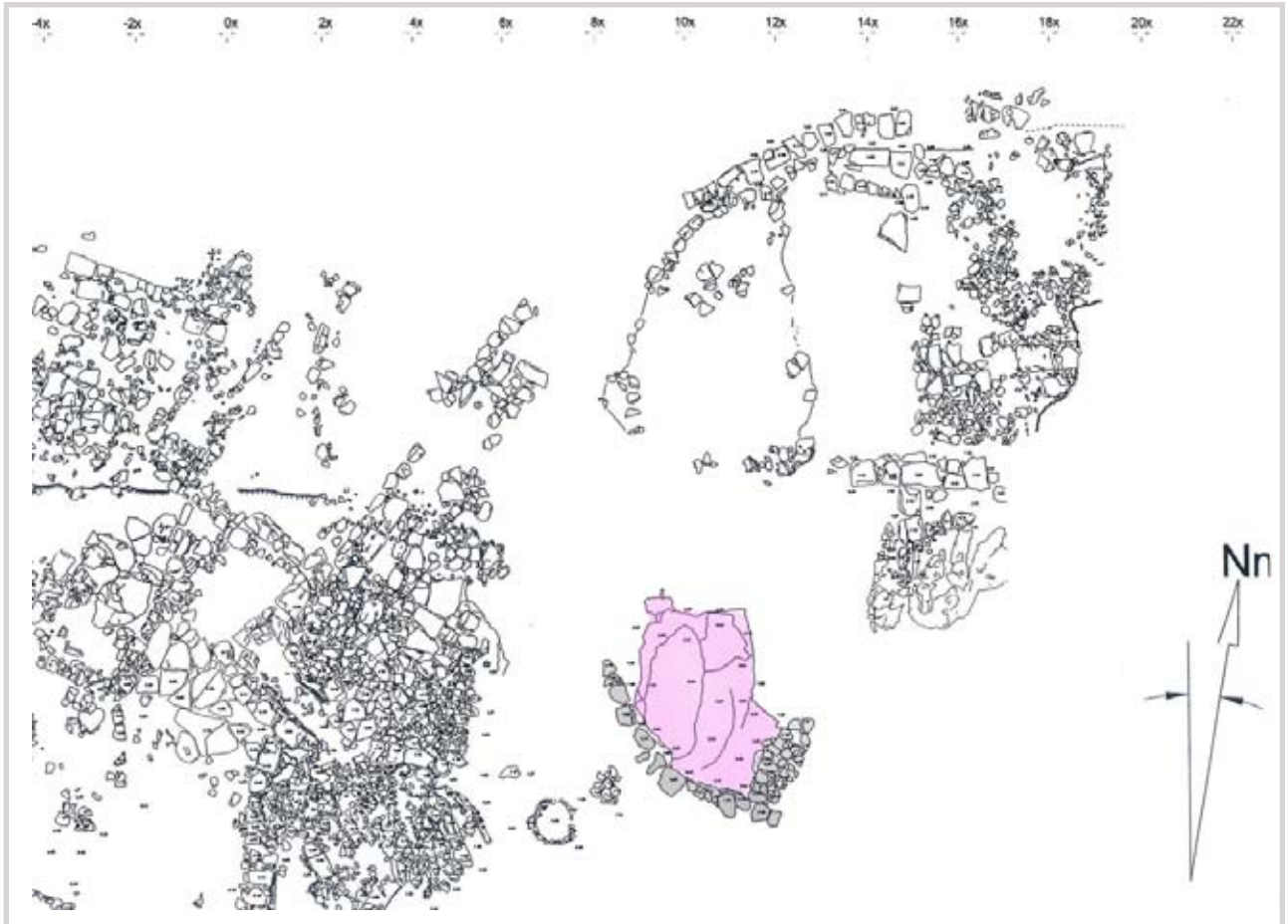


Figura 12
Planta da área A/B.
A zona colorida
corresponde à fossa
da Idade do Ferro,
delimitada por muros
de pedra seca,
da área B.

Fez-se uma primeira sondagem do lado norte e, no ano seguinte, a sua escavação integral, que revelou uma depressão no terreno, delimitada por um muro no lado poente e por outro na metade sul do lado nascente. Ambos os muros arrancavam do fundo da depressão. O conjunto integraria, decerto, uma estrutura maior, que, infelizmente, ora nos é impossível reconstituir, dada a ausência de outros vestígios.

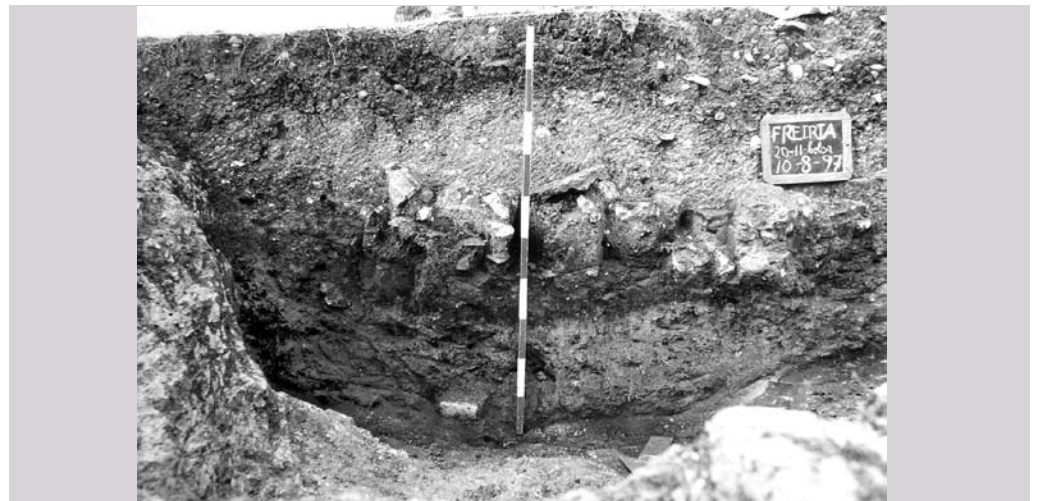


Figura 13
Corte da fossa
observando-se
5 estratos.

Figura 14

Corte da fossa:
 1, camada de terra arável, castanha escura; 2, camada de terra cinzenta com abundantes cascas de caracóis e algumas cerâmicas; 3, camada de abandono, de cor cinzenta escura, com pedras na base; 4, camada de cinzas, com abundantes materiais cerâmicos; 5, camada de terra amarela com materiais arqueológicos.

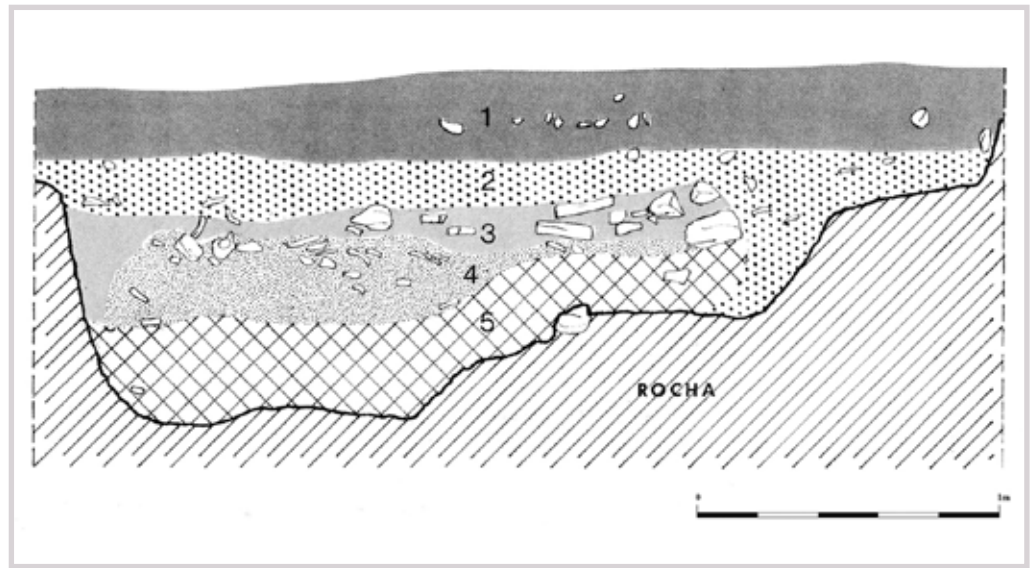


Figura 15

Fossa/ fundo de cabana. Estrato 2.
 Vista tirada de oriente.



Figura 16

Fossa/ fundo de cabana. Estrato 2.
 Vista tirada de Sul.



Aí foi-nos possível definir cinco estratos, todos com materiais da Idade do Ferro, à excepção do primeiro, constituído pelo solo de lavoura, onde apareceram vestígios de algumas cerâmicas do período “campaniforme” e romanas e do último, junto à rocha, donde se exumou uma lâmina de sílex:

Estrato 1 – Neste nível, o elemento mais significativo é a peça fêmea de um fecho de cinturão, constituída por um arame de bronze de secção cilíndrica, serpentiforme, formando um enganche. José Carlos Caetano considerou-a do tipo Cerdeño EI e atribuível à mesma época do fecho exumado em A (quadrado 21/8).

Estrato 2 – Camada de enchimento com fragmentos de cerâmica cinzenta fina e castanha espatulada de pior acabamento que a das camadas mais profundas. Alguma cerâmica comum levantada a torno e manual, de cozedura oxidante e redutora.

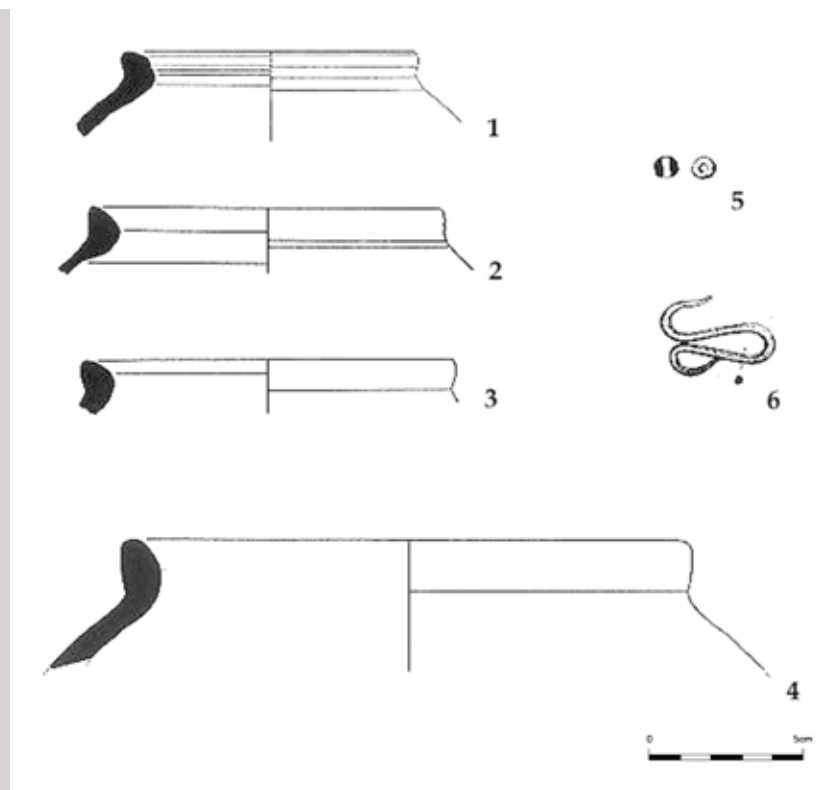


Figura 17
Materiais arqueológicos da fossa/ fundo de cabana. Cerâmicas, vidro e metais dos estratos 1 e 2.



Figura 16
Fossa/ fundo de cabana. Estrato 3. Vista tirada de Sul.

Estrato 3 – Camada de derrube de terra castanha, com blocos de calcário na zona central. Aí se recolheu um tosco paralelepípedo de mármore. Aumentam, em relação aos estratos inferiores, as cerâmicas comuns vermelhas com abundantes elementos não plásticos e as de fabrico manual. As cerâmicas cinzentas finas e castanhas espatuladas mantêm as formas dos níveis inferiores, se bem que de pior qualidade. As formas abertas das cerâmicas finas castanhas só apresentam, normalmente, brunimento no seu interior. As ânforas têm pequeno bordo espessado, idênticas às dos estratos inferiores, tendo uma delas o bordo semelhante ao de uma outra recolhida em Monastil (Elda, Espanha), da forma Ibérica I-4, datável do século III a. C. (RIBERA, 1982, fig. 10-5, p. 105).



Figura 19
Fossa/ fundo de cabana. Estrato 3. Parte central onde se observa uma asa de *pithoi* no meio do derrube.

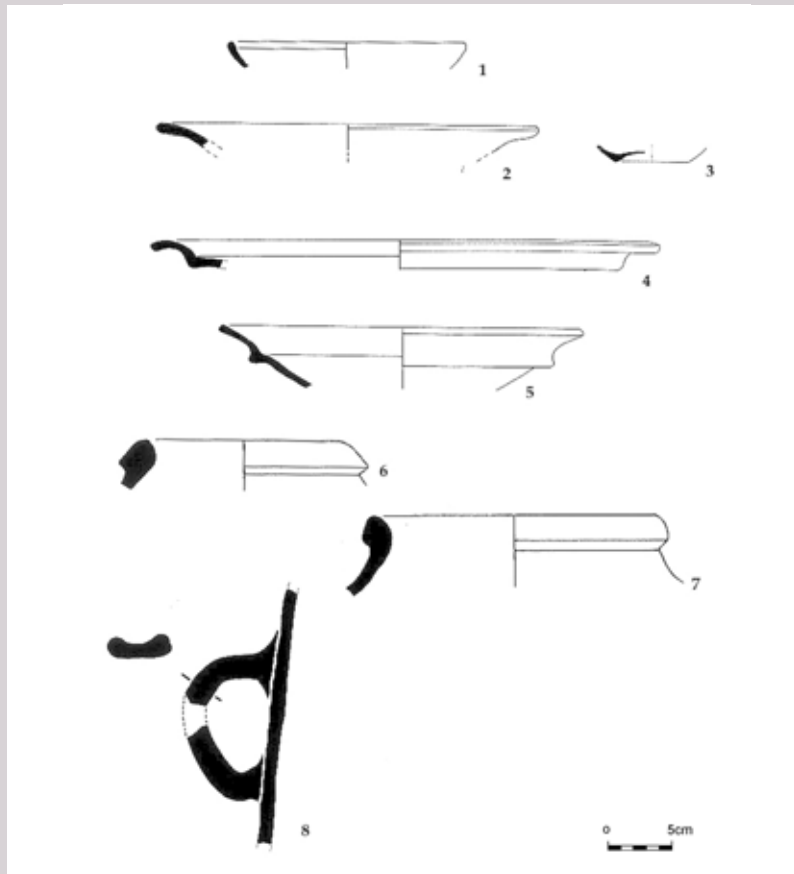


Figura 20
Fossa/ fundo de cabana. Cerâmicas do estrato 3.

Estrato 4 – Camada negra com abundantes cinzas, alguns ossos e restos malacológicos. As cerâmicas deste nível pouco diferem das do inferior, notando-se, no entanto, uma menor qualidade no fabrico das cerâmicas finas cinzentas e castanhas. Aumenta o número de recipientes fabricados à mão. Nesta camada apareceu, durante a sondagem, do lado norte, o punho de um espeto do tipo Guadalquivir, com decoração a punção. É idêntico a outros três que se recolheram no Cadaval, e que se encontram datados da I Idade do Ferro (Catálogo da exposição *De Ulisses a Viriato*, 1996, vitrina 15, p. 245, peças 20-22), bem como a um outro descoberto em Fernão Vaz, que Caetano Beirão data do mesmo período (BEIRÃO, 1986, p. 114).

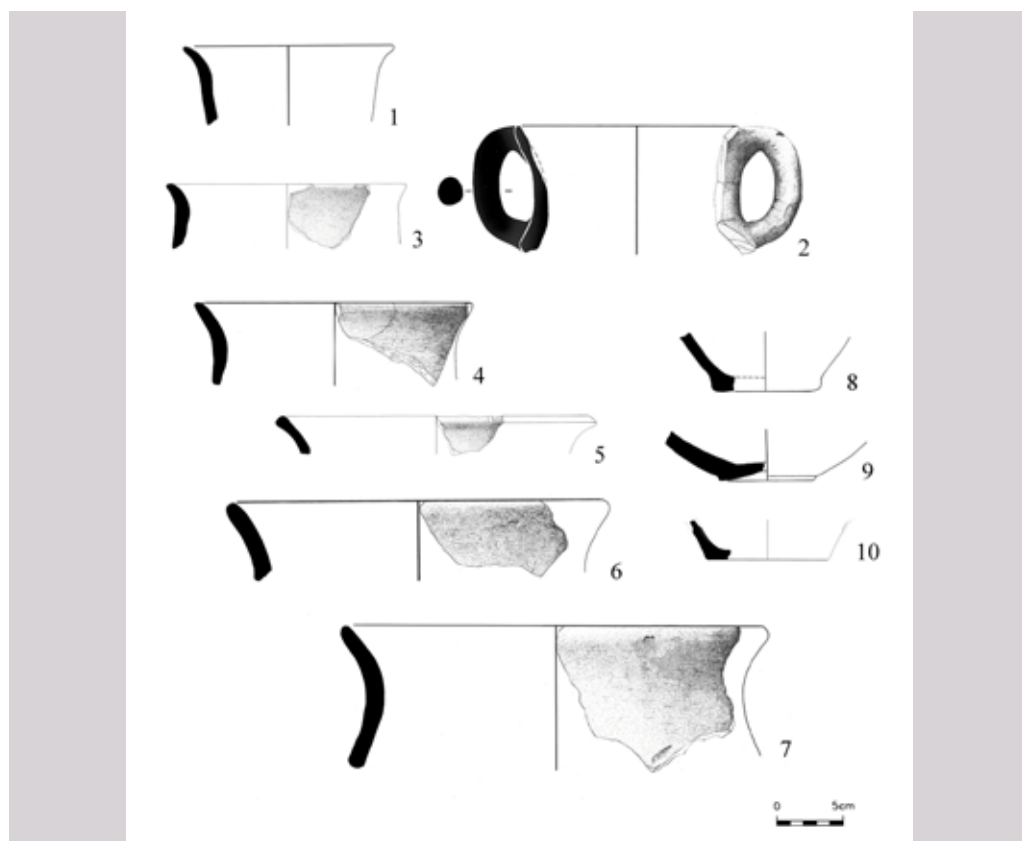


Figura 21
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 4.



Figura 22
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 4.

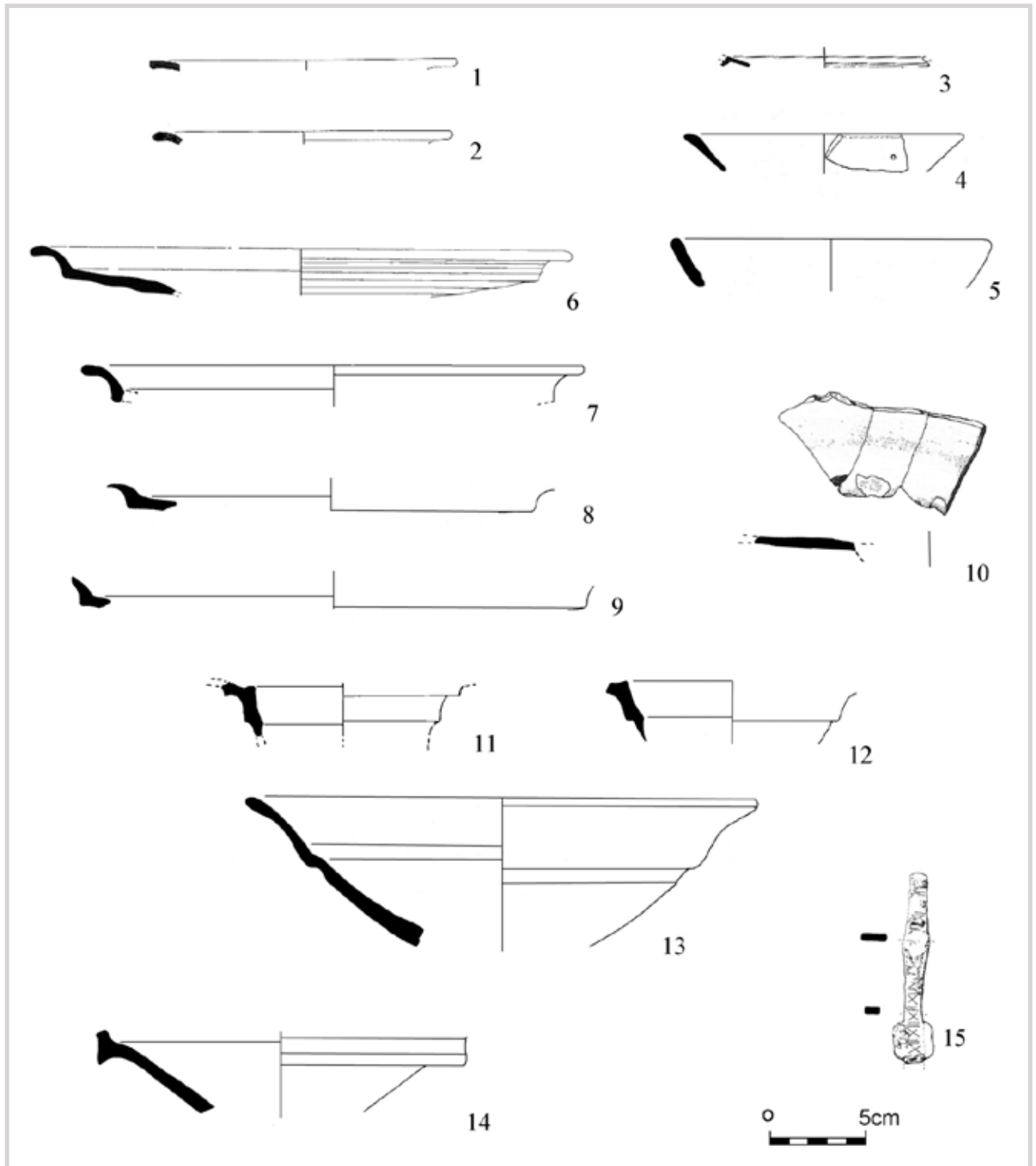


Figura 23

Fossa/ fundo de cabana. Materiais do estrato 4. 1-14, Cerâmicas cor de avelã e cinzentas. 15, punho de espeto de liga de cobre.

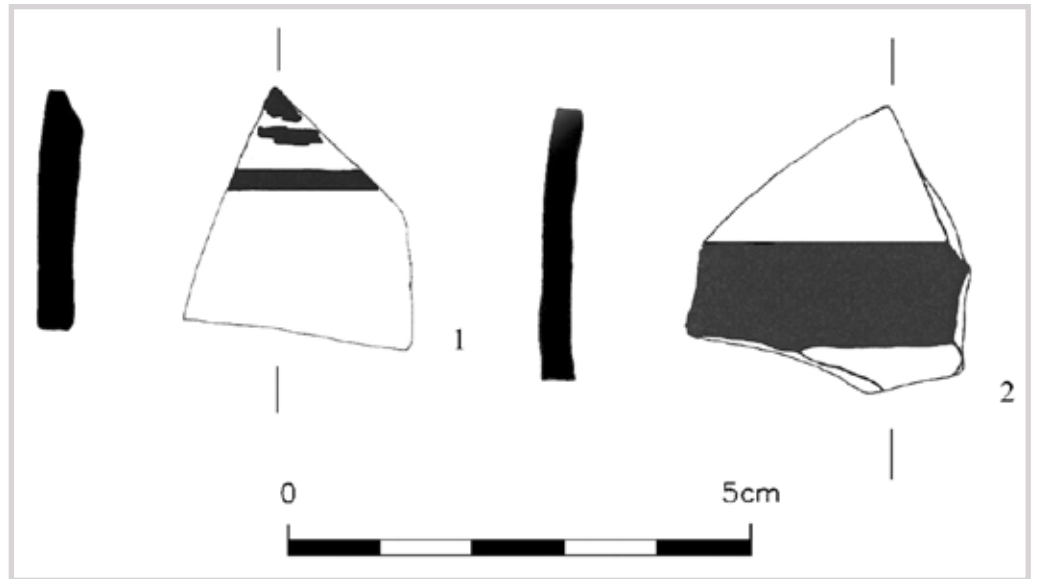


Figura 24
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmica
pintada do estrato 4.

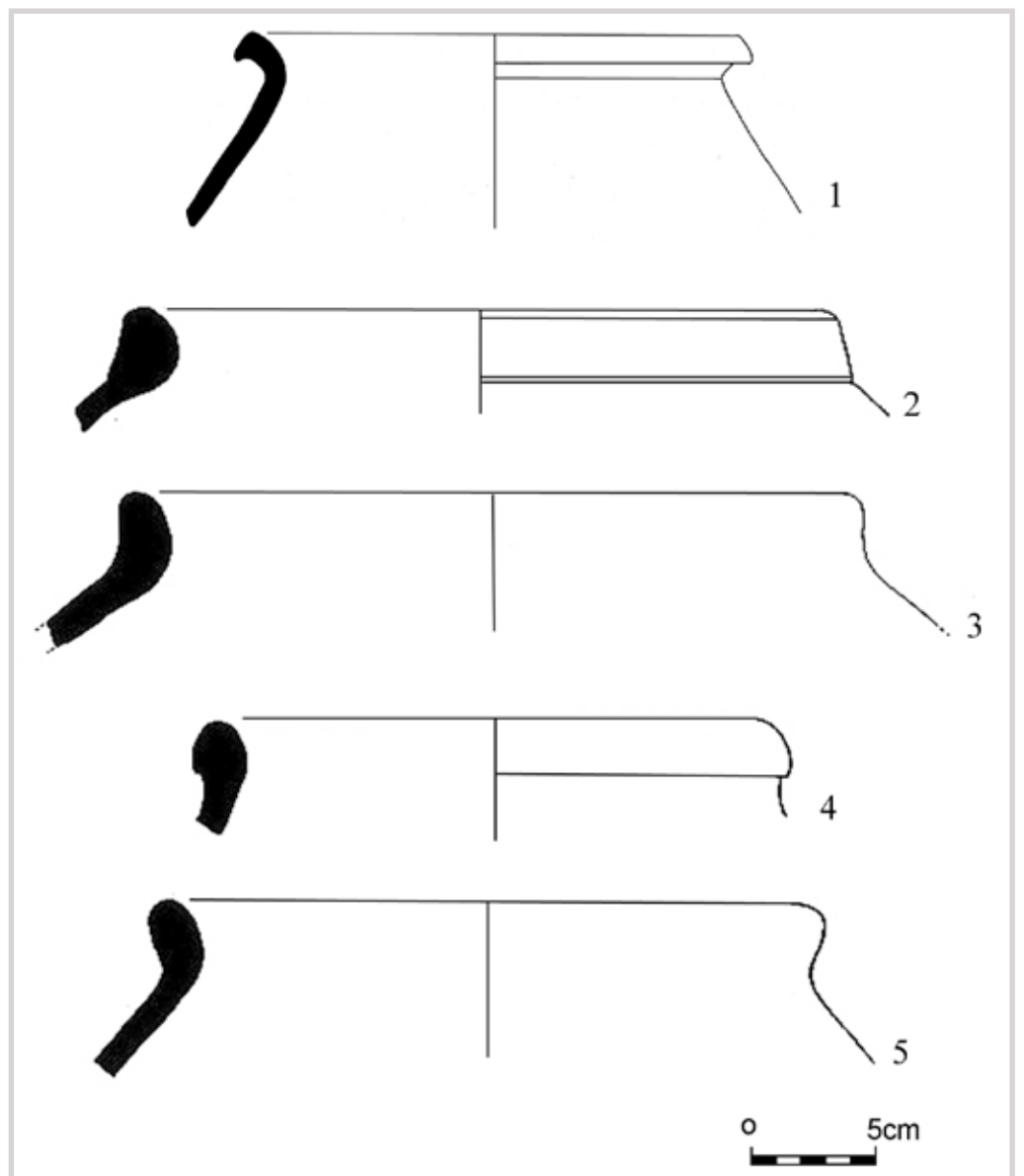


Figura 25
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas
do estrato 4. Potes e
ânforas.

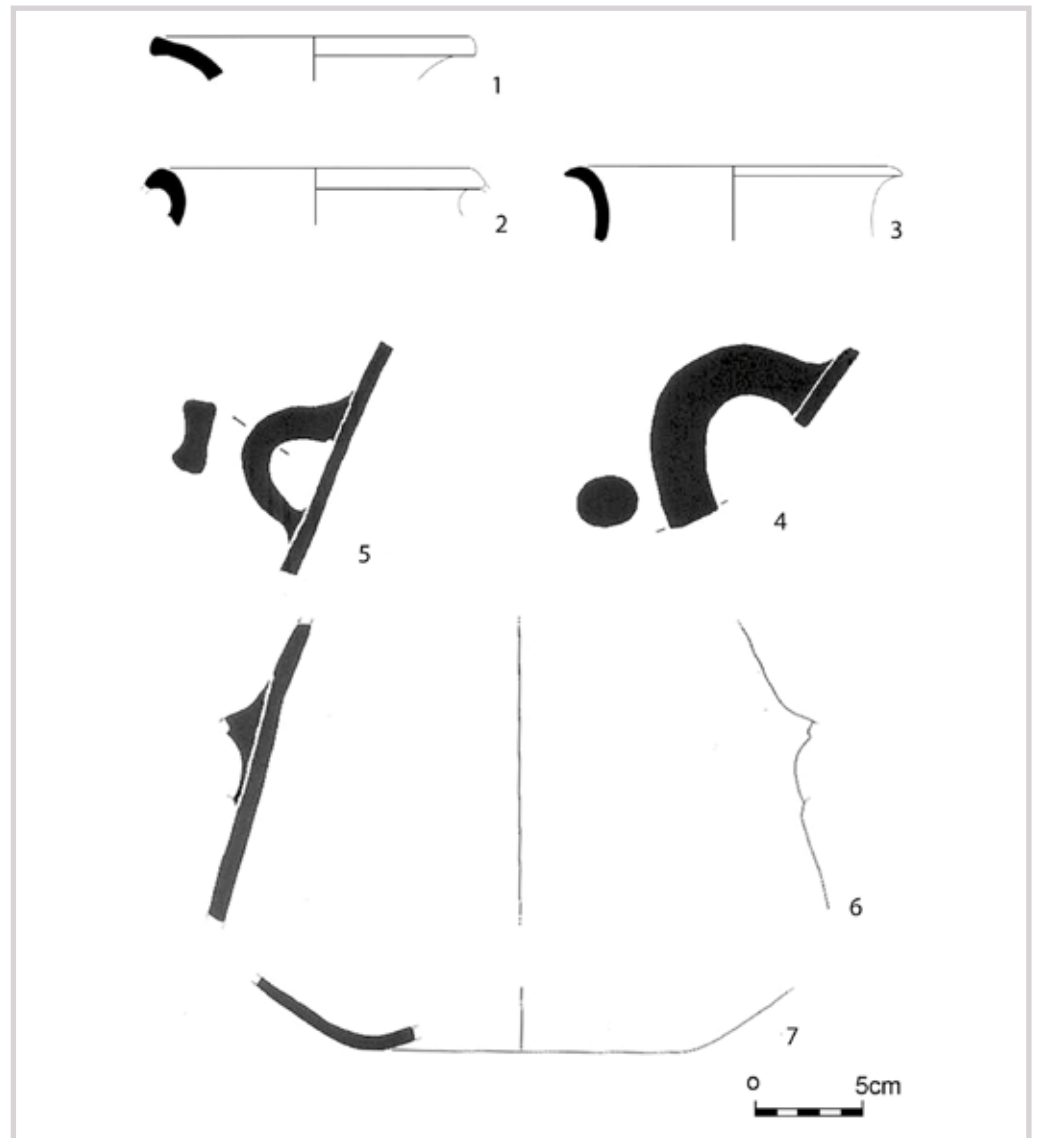


Figura 26
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 4. Ânforas e
pithoi.



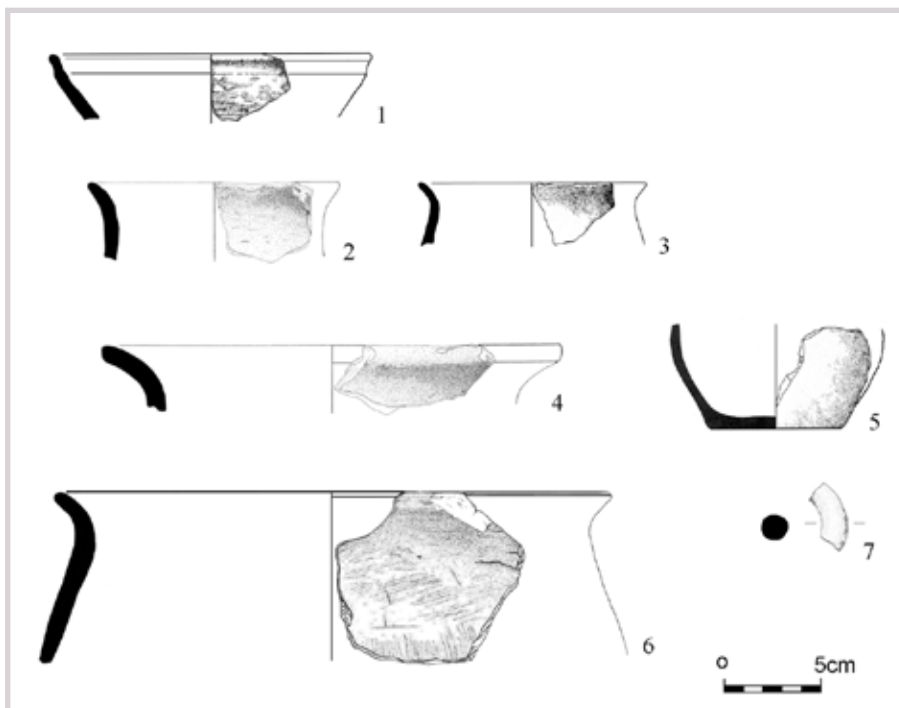
Figura 27
Fossa/fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 4. Ânforas e
pithoi.



Figura 28
Fossa/fundo de
cabana. Estrato 5. Vista
tirada de Sul.

Estrato 5 – Camada de terra amarelada, do tipo ‘tufo’ margoso, muito pulverea (pensamos que se trata de uma espécie de estuque com que eram rebocadas as paredes). Continha essencialmente fragmentos de grandes recipientes, potes e ânforas, de pastas vermelhas, feitos a torno rápido, cobertos com engobe branco integral ou parcial. Alguns dos fragmentos de grandes recipientes eram de cerâmica manual. Os três fragmentos de lábios de ânforas aí recolhidos são de altura baixa. Aparentam-se com as ânforas de tipo ibérico I-1 (RIBERA, 1982, pp. 100-104). A asa em fita com espessamento lateral também é habitual nalguns exemplares desta forma bem como o fragmento do fundo largo, com base reentrante. Ribera data esta forma dos meados do século VI a. C. aos meados do IV a. C. As cerâmicas de pastas finas, de excelente qualidade, apresentam cor cinzenta,

Figura 29
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 5.



cinzenta-negra e castanha, são feitas a torno rápido e detêm acabamento brilhante por brunido. São típicas de toda a Idade do Ferro do Sul da Península, notando-se, no caso de Freiria, que existe um melhor acabamento nas peças recolhidas neste estrato. Encontramos paralelos para este tipo de cerâmicas no castelo de Alcácer do Sal, estando datado do século VII a. C. o início do fabrico das de pastas cinzentas (tipo A, de Alcácer do Sal), e o século V a. C. para as de pasta cinzenta-negra (tipo B, de Alcácer do Sal), segundo Carlos Tavares da Silva *et alii* (1980-81, pp. 178-181).



Figura 30
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas
manuais do estrato 5.

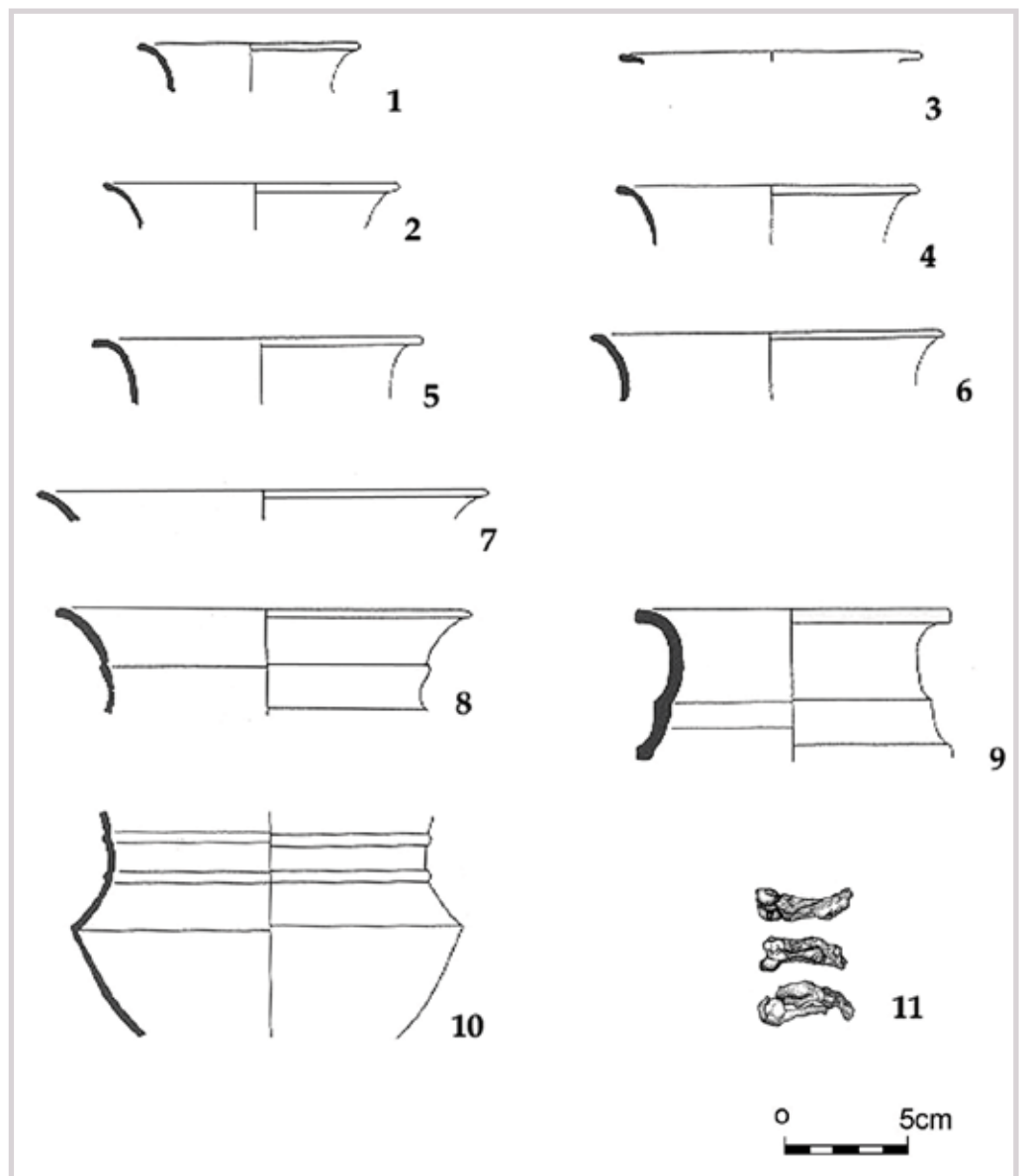


Figura 31
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas de
cor de avelã, cinzenta
e fragmento de fíbula
anular do estrato 5.

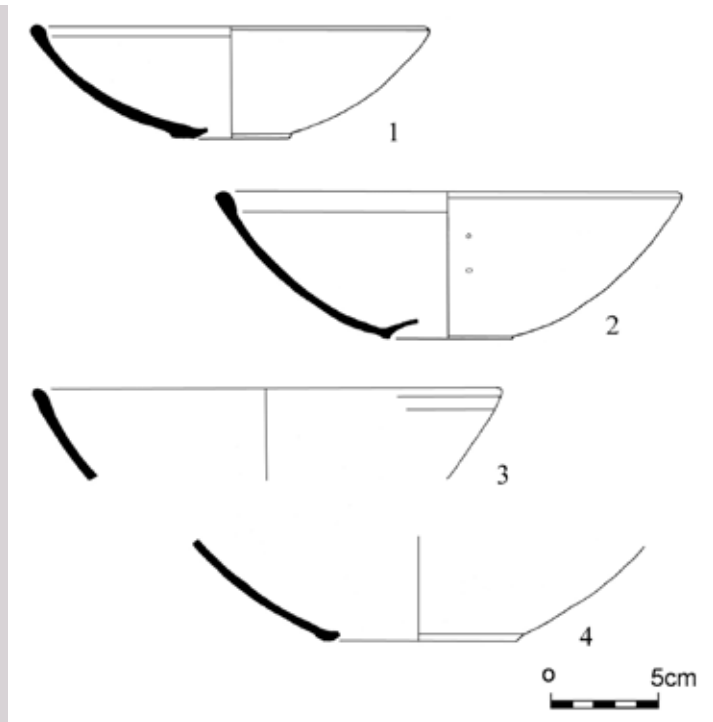


Figura 32
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 5.

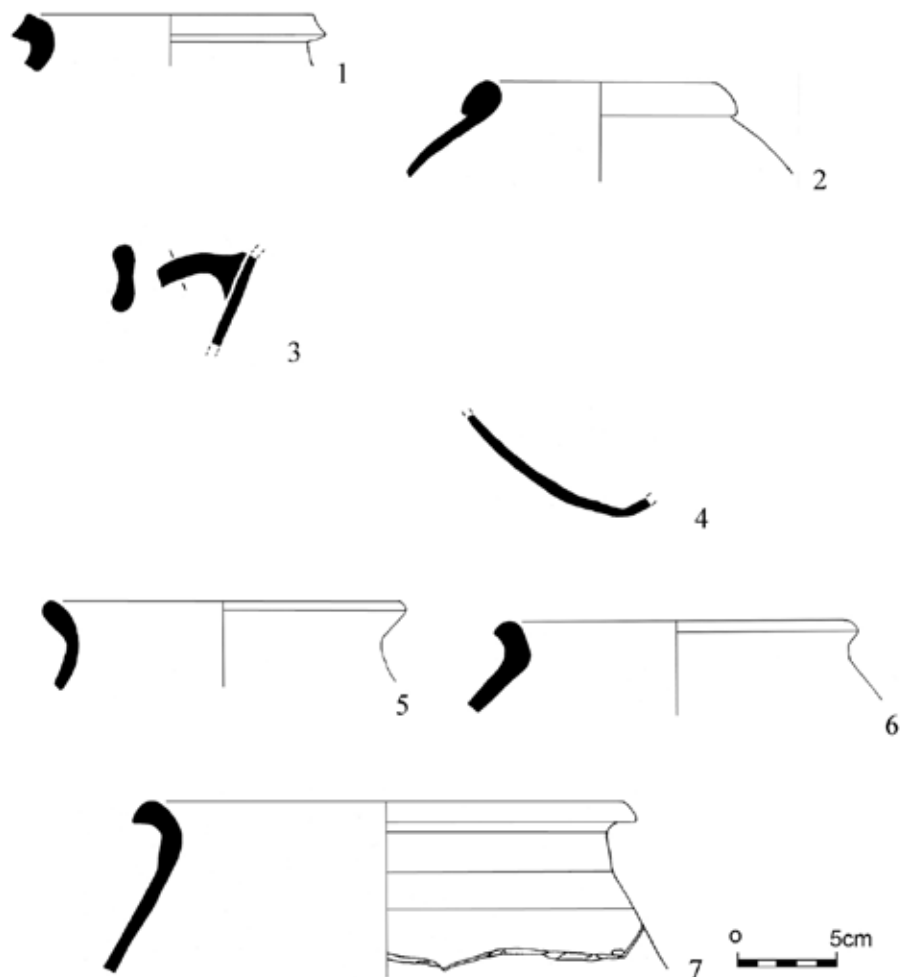


Figura 33
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 5.



Figura 34
Fossa/ fundo de
cabana. Cerâmicas do
estrato 5.

Figura 35
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.



Figura 36
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.



Figura 37
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.



Figura 38
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação. Parente
sudeste.



Figura 39
Fossa/ fundo de
cabana, após a
escavação.
Parede poente.



TERMAS SUL

Quadrado MZ'

Durante a escavação de MZ', no lado SE das Termas Sul, foi encontrada uma bolsa de terra com diversos fragmentos de cerâmica da II Idade do Ferro – século II a. C. a finais da República romana.

Figura 40
Quadrado MZ';
entre a abside e
o corte foi o sítio
onde se recolheram
vários fragmentos
de cerâmica de
tradição indígena dos
séculos II-I a. C.



Figura 41
Quadrado MZ';
entre a abside e
o corte foi o sítio
onde se recolheram
vários fragmentos
de cerâmica de
tradição indígena dos
séculos II-I a. C.





Figura 42
Quadrado MZ: Corte de pedreira da Idade do Ferro.

Estrato 1 – solo arável, sem quaisquer materiais proto-históricos.

Estrato 2 – Abunda a cerâmica comum e pintada, feita manualmente e ao torno, rareando a cerâmica fina cinzenta, com algumas cerâmicas do período republicano.

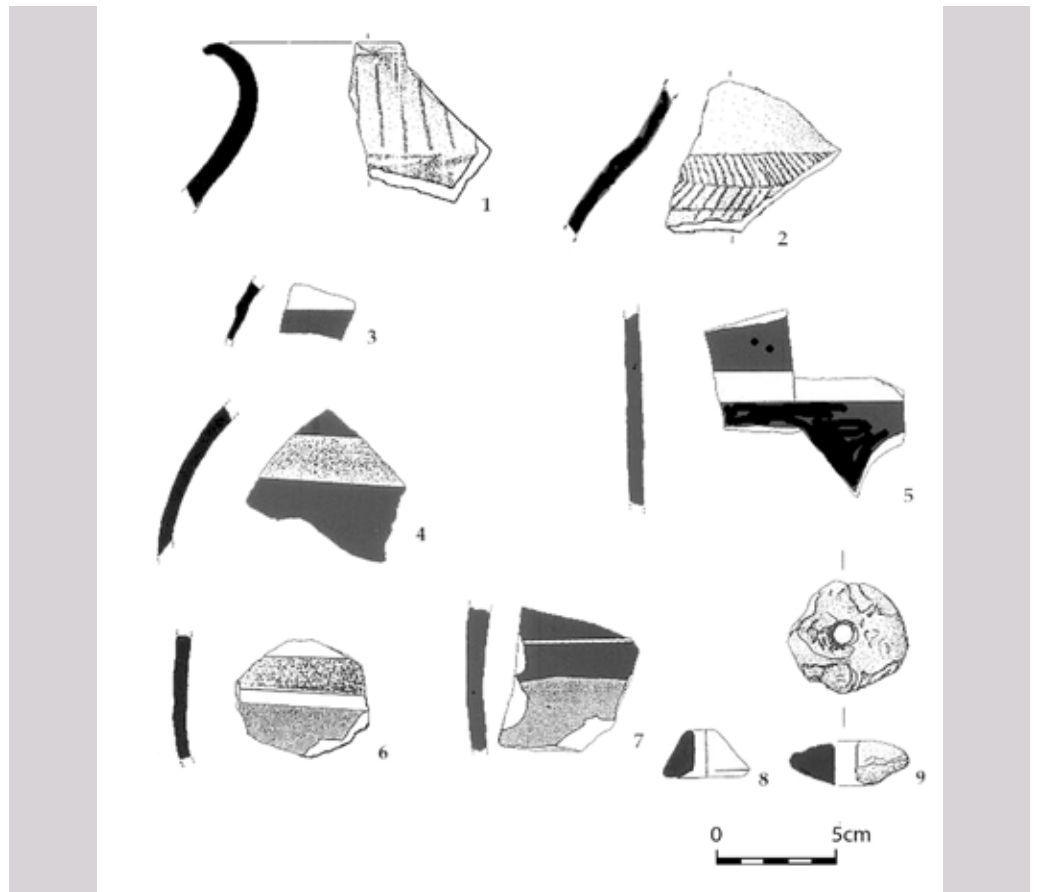


Figura 43
MZ, estrato 2.
1-2, cerâmica cinzenta decorada com brunidos;
3-7 cerâmica pintada;
8 e 9 cozinhos.

Estrato 3 – Recolheram-se três cossoiros; dois fragmentos de ânforas ibéricas do tipo I-6 e três do tipo I-8, datáveis do século III a. C. ao I a. C. (RIBERA, 1982, pp. 106 e 107); não contabilizamos as asas de secção circular e em fita, por não podermos definir a forma a que pertencem. Recolheram-se ainda 20 fragmentos de vasos de cerâmica pintada, sendo a maioria de bandas e um com círculos, de que encontramos paralelos em Miróbriga, com datações entre o século II a. C. e os inícios do seguinte (SOARES e SILVA, 1979, pp. 168-170). As cerâmicas de cor castanha e cinzentas finas continuam a perdurar neste estrato, só que em percentagens muito baixas. Significativa é a produção de cerâmica cinzenta fina e dura, levantada ao torno, de produção indígena. Cinco fragmentos apresentam decorações brunidas, idênticas às descobertas em Conímbriga, nos estratos pré-romanos. Jorge de Alarcão atribui a produção deste tipo de cerâmica aos séculos II-I a. C., podendo nalguns casos chegar ao século I d. C. (ALARCÃO, 1974, p. 62). Cerâmicas do mesmo tipo foram descobertas no Sítio do Castelo (Arranhó, Arruda dos Vinhos) que João Ludgero data do mesmo período (GONÇALVES, 1997, p. 10). Recolheu-se também um fragmento de ânfora romana, de pasta clara, arenosa e micácea, idêntico a outros de Lomba do Canho, ânfora que Carlos Fabião classifica como de Classe 67 (FABIÃO, 1989, p. 65), datando-a da segunda metade do século I a. C. Nas escavações do castelo de Alcácer do Sal, foi igualmente encontrado outro exemplar, a que, embora fora de contexto, os seus autores atribuem uma datação tardo-republicana (SILVA *et alii*, 1980-81, p. 195, n.º 277).

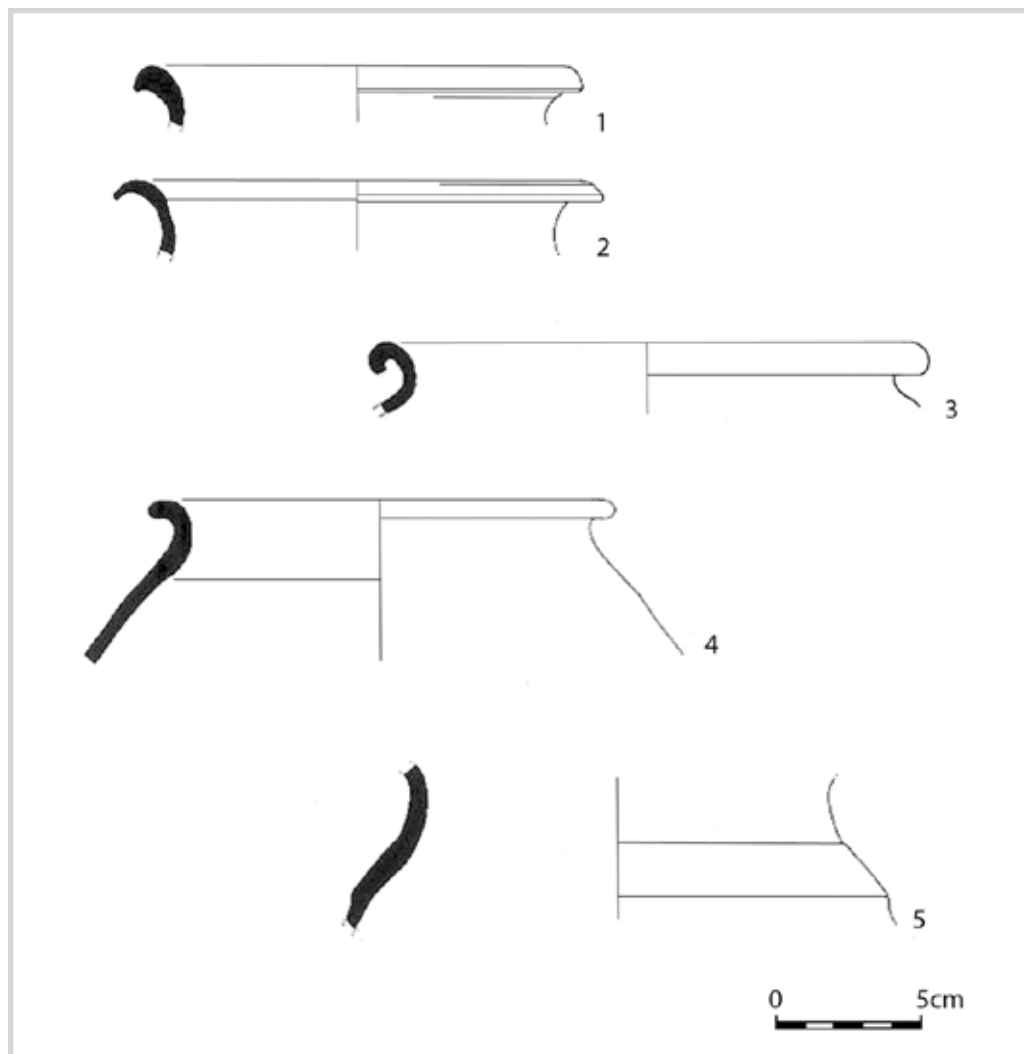


Figura 44
MZ, estrato 3.
Cerâmicas.

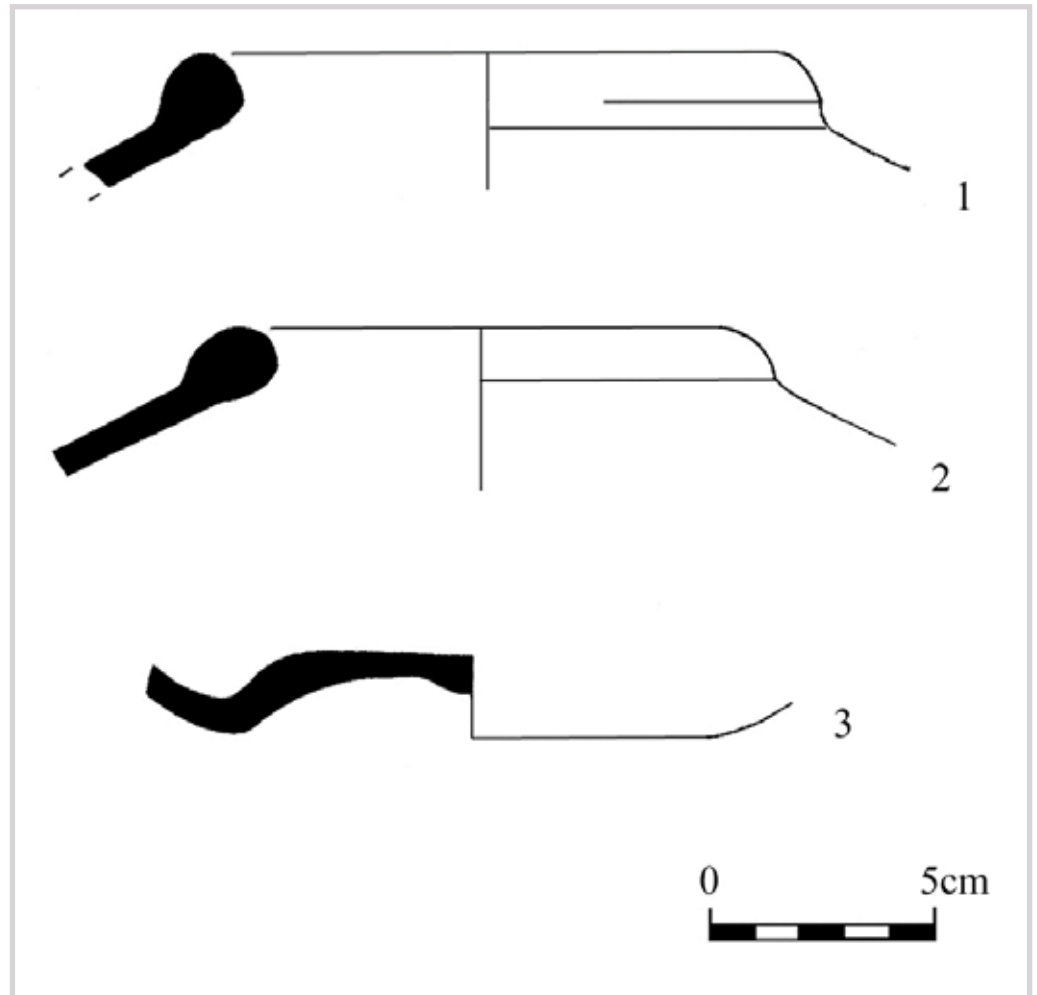


Figura 45
MZ, estrato 3.



Figura 46
MZ, estrato 3. Ânforas
e potes pintados.

Estrato 4 – Recolheram-se dois fragmentos de ânforas ibéricas do tipo I-8; dois fragmentos de potes com bandas brancas e vermelhas pintadas e alguma cerâmica cinzenta fina brunida.

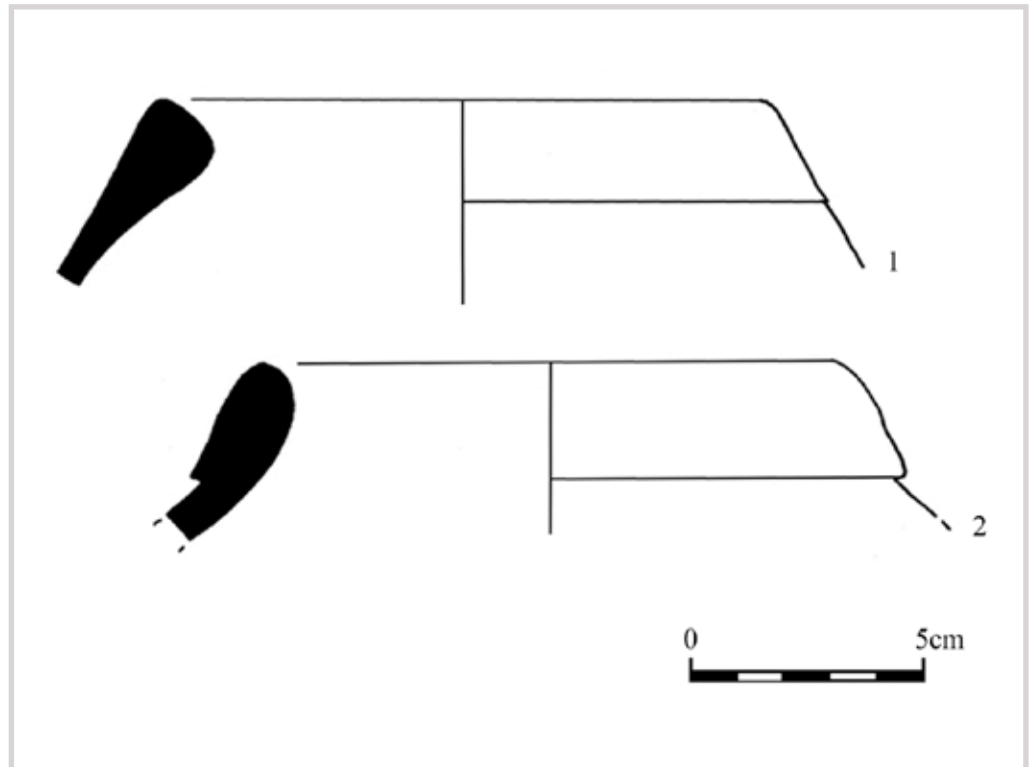


Figura 47
MZ, estrato 4. Ânforas.

Figura 48
MZ, estrato 4.
Cerâmica grosseira.



Área da Necrópole

O constante aparecimento de fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro na zona da necrópole romana do Alto Império, na margem direita da ribeira de Freiria, num terreno ligeiramente inclinado, provocou, de início, uma certa estranheza, visto que não se detectara qualquer tipo de estrutura com que esses materiais pudessem estar associados.

Nota-se, porém, naquela área, que é diminuta a camada arqueológica onde estão inseridas as sepulturas romanas e os materiais da Idade do Ferro, enquanto a camada superior àquela chega a ter um metro de altura.

Junto à ribeira, no local onde esta faz uma curva e desagua um afluente que provém de norte, ao longo do vale que nasce na Conceição da Abóboda, construíram os Romanos um muro para regularizar o leito da ribeira, de modo a que esta não invadisse a necrópole. No topo desse muro, que se encontrava ao nível das sepulturas, recolhemos cerâmicas dos séculos XVII e XVIII. Um pouco mais a sul, a um nível ligeiramente superior, no estrato (de cerca de 80 cm) que cobria um outro grupo de sepulturas romanas, havia cerâmicas modernas, dos citados séculos.

A SE desta zona existe uma área onde a camada arqueológica é espessa e tem abundantes carvões, fragmentos de ossos queimados, pregos de ferro, fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro e romanas. No meio deste estrato foram descobertas algumas sepulturas. Trata-se, sem dúvida, do *ustrinum* colectivo que, após o abandono, acabou também por servir para enterramentos individuais durante a época romana. Também ali o estrato superior é de grande espessura (mais de um metro).

Tudo nos leva, portanto, a concluir que a necrópole romana se poderá ter sobreposto à necrópole da Idade do Ferro e que, devido aos efeitos da escorrência das águas da encosta do Outeiro de Polima e ao transbordar das margens da ribeira de Freiria, durante os períodos de maior pluviosidade, as sepulturas mais arcaicas acabaram por ser destruídas.

Para obviar a este problema, os Romanos sentiram, então, a necessidade de regularizar o leito da ribeira, para não invadir o seu campo santo, acabando por construir o referido muro de suporte.

O achamento de cerâmica dos séculos XVII e XVIII nos níveis contíguos aos romanos, seguidos, por seu turno, de um segundo nível moderno mais espesso (onde se pratica actualmente a agricultura), demonstra que os terrenos da margem direita da ribeira estiveram por cultivar até meados da Idade Moderna, devido, certamente, ao acentuado pendor que ainda hoje detêm. E, por seu turno, a agricultura dos séculos XVII e XVIII acabaria por desflorestar e aumentar rapidamente a erosão do solo: por acção das águas pluviais, as terras concentraram-se no fundo do vale. Um outro muro de suporte da Época Moderna – construído para se obter um maior nivelamento do solo e a formação de um socalco que impedisse as águas de inundarem as culturas – obrigou a ribeira a manter-se no leito actual, situado sensivelmente metro e meio mais abaixo. É tal circunstância que permitiu a preservação, até aos nossos dias, da necrópole romana que viemos a encontrar.

Os Materiais

O maior conjunto de materiais de Freiria é, sem dúvida, o da cerâmica. Eles revelam que estamos perante uma sociedade com algum poder económico e técnico que lhe permite obter algumas peças de cerâmica de qualidade, certamente de produção regional, mas que, por sua vez, ainda continua a usar peças de produção rústica tradicionais da cultura indígena.



Figura 49
Materiais de Freiria da Idade do Ferro.

Podemos observar, assim, que, no primeiro conjunto, temos um grupo de pratos e de páteras de cerâmica brunida de cor de avelã (fig. 1.1-11), muito idênticos a outros de Abul B que apareceram em estratos datados do século VI a. C. e V a. C. (Mayet e Silva, 2000, p. 211, n^{os} 121 e 122). Também Elisa de Sousa se refere a peças idênticas de cerâmicas comuns, identificadas na Rua dos Correeiros, Lisboa, atribuindo-lhes dentro do seu grupo tipológico da Série 3, a variante 3Aa (Sousa, 2011: 242).

Dentro dos pratos cinzentos com nervura no tardo e pé alto, recolhemos vários exemplares, fig. 50 (12-18), estando apenas um completo, encontrado num pequeno compartimento quadrangular, vazio, ao lado do empedrado na área nascente do espaço C (fig. 6). Nos estratos 3 e 4, da fossa/fundo de cabana, recolheram-se fragmentos desta forma conjuntamente com outros de pratos e páteras de cor de avelã, *pithoi* e ânforas dos tipos Ramon Torres T-1.3.2.4. (fig. 19.6), datável do século V (Ramon Torres, 1995: 173), a da forma T-8.1.1.1. (fig. 18.6), datável do século IV a. C. (Ramon Torres, 1995: 222), a T-11.2.1.4. (fig. 18.7), datável do último terço do século V a. C. até início do IV (Ramon Torres, 1995: 236), T-11.2.1.3. (fig. 19.2), dos finais do século VI a. C. e todo o século V a. C. (Ramon Torres, 1995: 235), e a T-10.1.2.1. (fig. 19.3), do século VI a. C. (Ramon Torres, 1995, 231). Em Abul B, este tipo de pratos recolheu-se em estratos datados do século V a. C. (Mayet e Silva, 2000: 209, n^{os} 98, 99 e 102). Foram ainda recolhidos pratos do mesmo tipo na Rua dos Correeiros e no Moinho da Atalaia, que Elisa de Sousa integra na sua forma 2Ab, da Série 2 (2011: fig. 204).

Um grupo também significativo dentro das cerâmicas cor de avelã e cinzentas encontra-se representado na fig. 51, taças, e fig. 52, potes. No estrato 5 da fossa/fundo de cabana, encontra-se o grupo mais significativo deste tipo de peças que nos apareceram junto a fragmentos de *pithoi* e a um fragmento de ânfora do tipo T-1.3.2.3. (fig. 33.2), datável da segunda metade do século V a. C. (Ramon Torres, 1995, 231).

Se para o caso das cerâmicas decoradas com pinturas elas nos aparecem em estratos mais antigos, como no caso da fossa/fundo de cabana, estrato 5, mas também em contextos mais modernos, já na parte final da Idade do Ferro, séculos II-I a. C., (fig. 53 e 54),

no caso das decorações feita através de brunido elas apareceram dispersas pelos estratos mais profundos na zona sul da *villa* de Freiria, em contexto do século II a. C. a inícios do século I a. C., fig. 53.8-11 e fig. 54, das quais se destaca o grupo proveniente do quadrado MZ', estrato 3, fig. 43.1-2, conjuntamente a ânforas T-12.1.1.1. que se integram em cronologias que vão da segunda metade do século IV a. C., principalmente o século III a. C., e vão até à primeira metade do século I a. C. (Ramon Torres, 1995: 237 e 238).

No grupo dos metais, temos algumas peças significativas como o fragmento de asa de jarro ou *oenochoe* (fig. 62 e 67.1), que é idêntica aos jarros de tradição tartéssica.

No estrato 4, de cinzas, da fossa/fundo de cabana, recolheu-se um fragmento de punho de espeto ou *obelós* (fig. 63 e 52.2). Teresa Gamito colocou a forma deste tipo de espeto dentro do grupo do Sudeste peninsular, idêntico a outros três recolhidos na área da serra de Todo o Mundo, Cadaval, datando os mais antigos deste tipo entre o século VII e o VI a. C. e os mais modernos do século V a. C. (Gamito, 1986, 35).

Recolheu-se no lado nascente da área "A" um elemento de xorca do tipo Sanguessuga de bronze, (fig. 64 e 67.4).

No quadrado 21/8, junto ao piso, estrato 2, recolheu-se um fecho macho de cinturão de bronze, do tipo tartéssico, de três ganchos, (fig. 11.5, 65 e 67.5), constituído pelo talão rectangular ligado a uma placa poligonal; entre eles dois olhais fechados por pequenos aros limitados por pequenas rodas. Apresenta – e aqui seguimos a descrição de José Carlos Caetano – “decoração constituída por duas linhas de pontos impressos, rodeando o perímetro da placa e uma linha de pontos nos círculos que limitam os olhais. No talão, duas linhas de pontos impressos e uma de círculos separam as perfurações do resto do fecho. No centro da placa poligonal há um círculo definido por círculos mais pequenos, impressos e preenchido com pontos, também impressos”. O mesmo autor considera-o do tipo Cerdeño DIII3, cuja cronologia se situa entre os finais do séc. VI e o séc. V a. C. (Caetano, 1998, 12 e 17)

Na colecção de Gil Montes, proveniente de El Risco, existe um semelhante (Gómez Ramos e Rovira Lloréns, 2001, p. 212, fig. 17). Na necrópole celtibérica de Carratirmes, Tiermes, Soria, encontrou-se um fecho de cinturão de tipo céltico, idêntico ao de Freiria, que foi datado entre os fins do séc. VI ou princípios do século V até meados do IV a. C. (Argente e Díaz, 1996, 54, 164 e 165).

Para além do fecho de três ganchos, recolheu-se no estrato 2 da fossa/fundo de cabana, um fecho de cinturão fêmea de bronze serpentiforme de um olhal (fig. 17.6, fig. 66 e 67.4).

O único vestígio de uma arma do período da Idade do Ferro é o fragmento de alvado de uma lança (fig. 11.6 e 67.6), recolhido no meio das pedras de enrocamento onde assentava o piso de terra da área A.

O maior conjunto de fíbulas de Freiria é constituído por diversos tipos anulares hispânicos (fig. 70, n^{os} 1, 2, 4-6 e 8-10). A maioria deste tipo de peças tem um largo espectro temporal que se inicia no século VII a. C. e perdura até ao século I a. C.

A fíbula de campânula (fig. 53 e fig. 54.8) foi recolhida com alguns fragmentos de cerâmicas cinzentas da Idade do Ferro, na zona central da sala dos tanques do lagar, no nível inferior do alinhamento semicircular de pequenas lajes. Pertence ao tipo Meseta (33a Ponte), é habitual em povoados e necrópoles celtibéricas. Aparece normalmente em contextos datados dos finais do século VII/inícios VI a. C. até finais do século V/inícios do IV a. C. (Ponte, 2006: 285).

De entre as contas de colar temos as de vidro oculadas (fig. 71, nos 1 e 2; 72.3) e as de cor azul com ou sem núcleo branco (fig. 71, n^{os} 3-4; 72, n^{os} 1 e 2).

Recolheram-se algumas contas de ossos de forma discoidal (fig. 71, n^{os} 6-8).

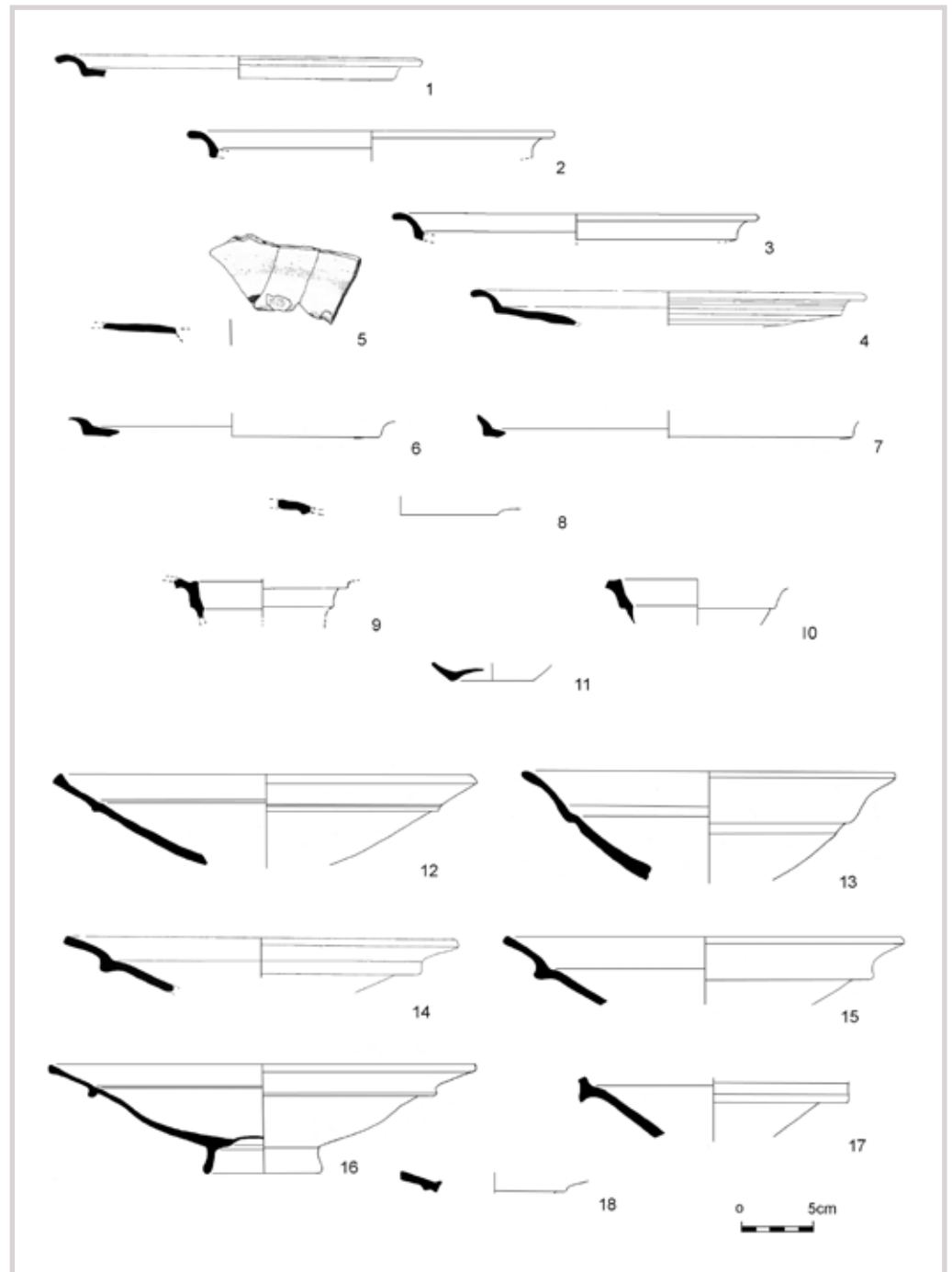


Figura 50
 1-7, Pratos de cerâmica brunida de cor de avelã; 9-11, *paterae*; 12-18, pratos de pé alto com nervura no tardo, de cerâmica cinzenta.

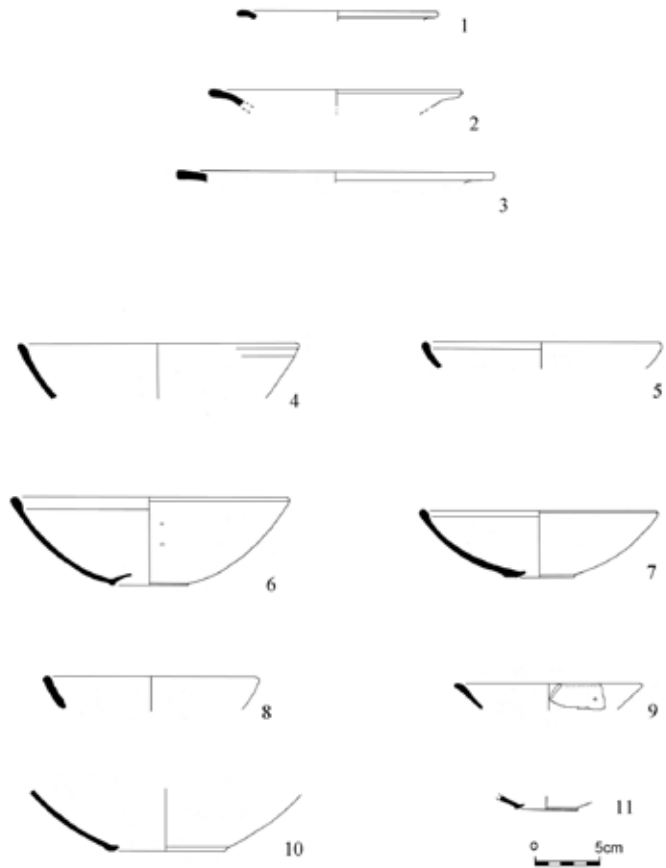


Figura 51
Taças.

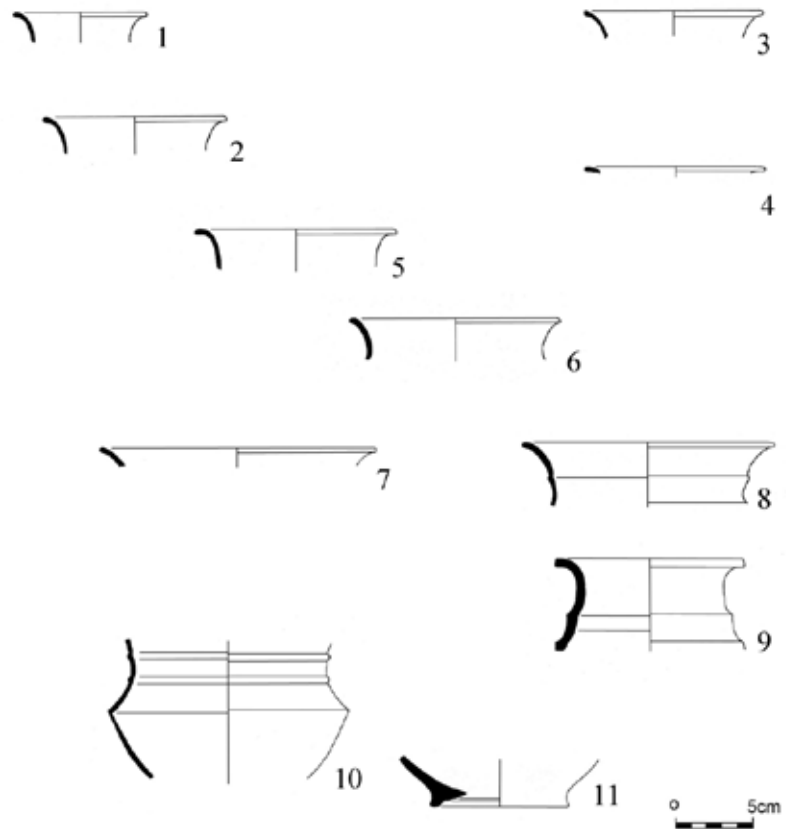


Figura 52
Potes.

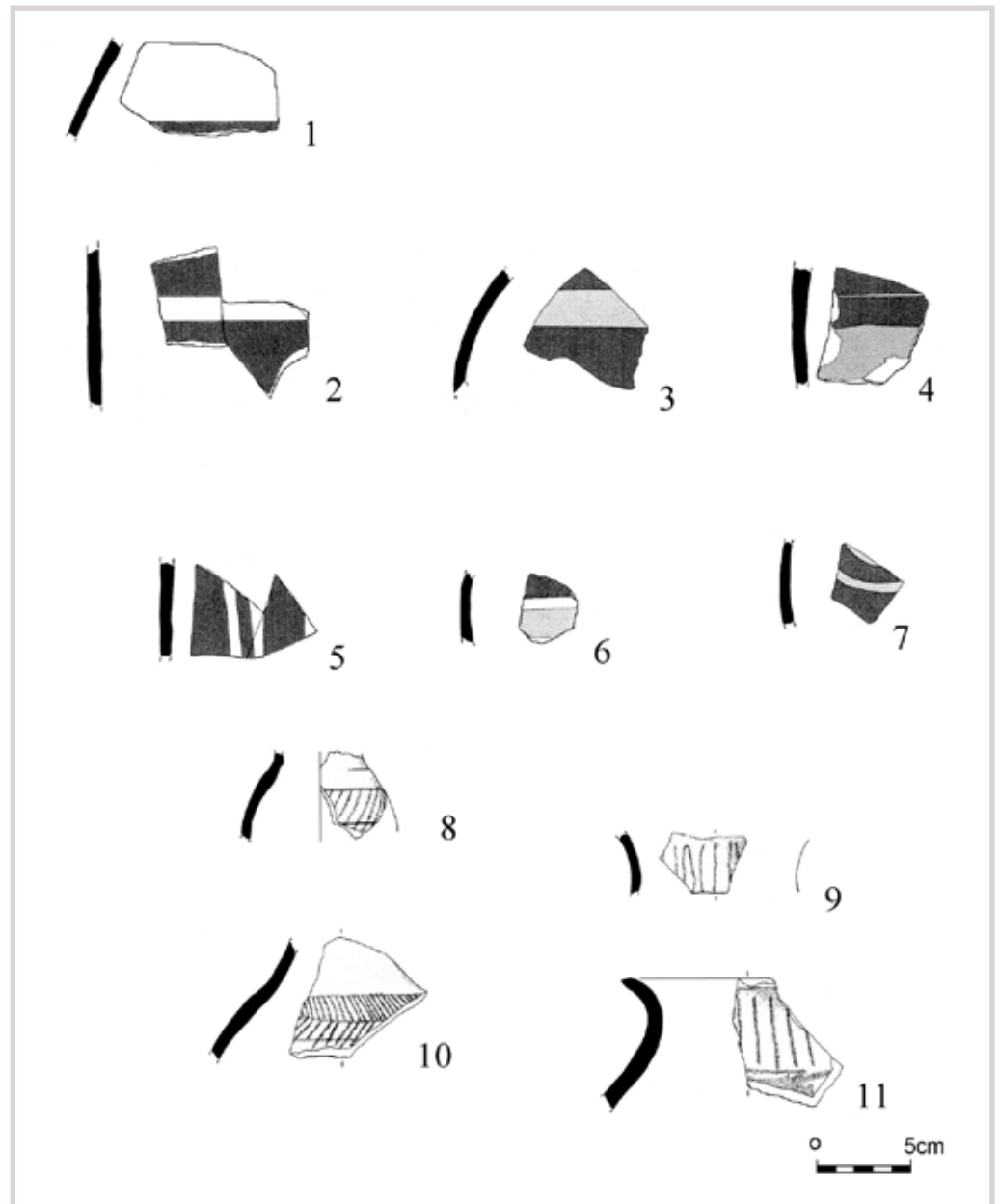
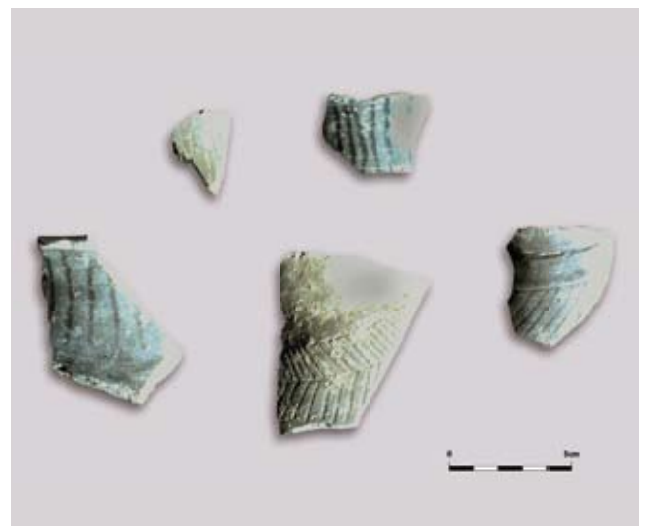
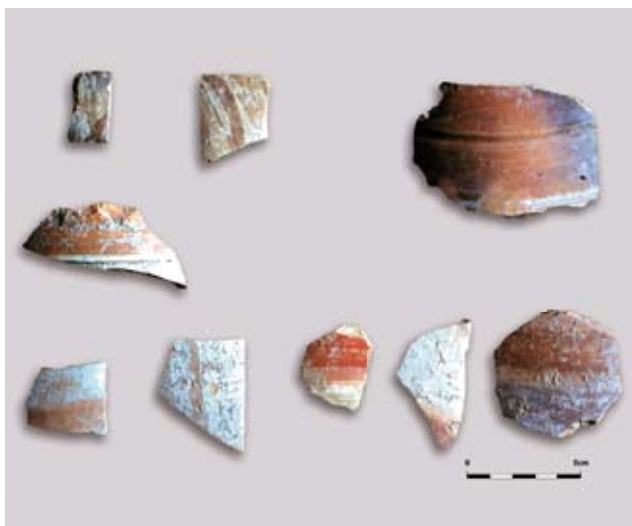


Figura 53
Cerâmicas pintadas e
brunidas.

Figura 54
Cerâmicas pintadas e
brunidas.

Figura 55
Cerâmicas pintadas e
brunidas.



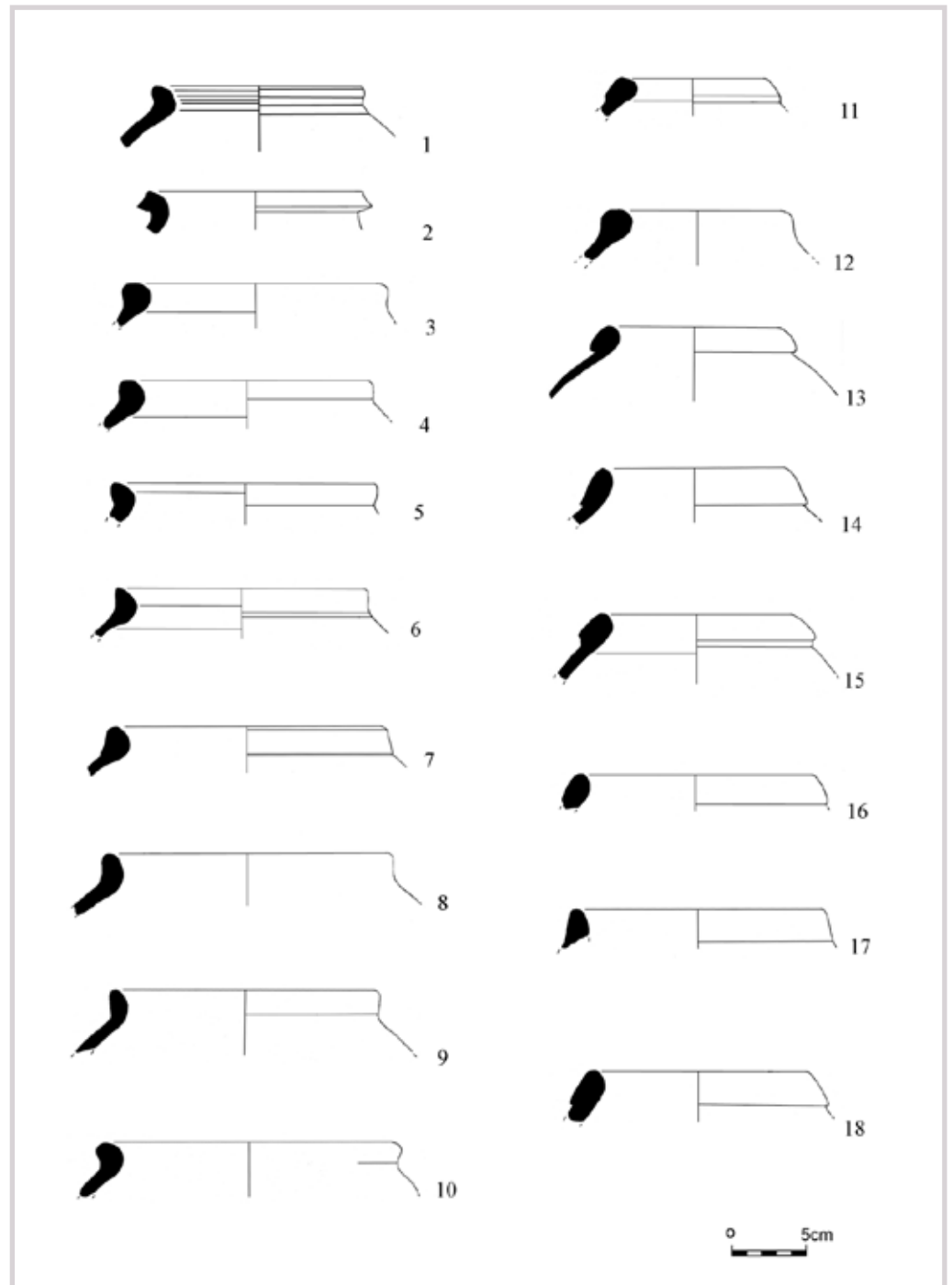


Figura 56
Ânforas do tipo B/C
de Pellicer.

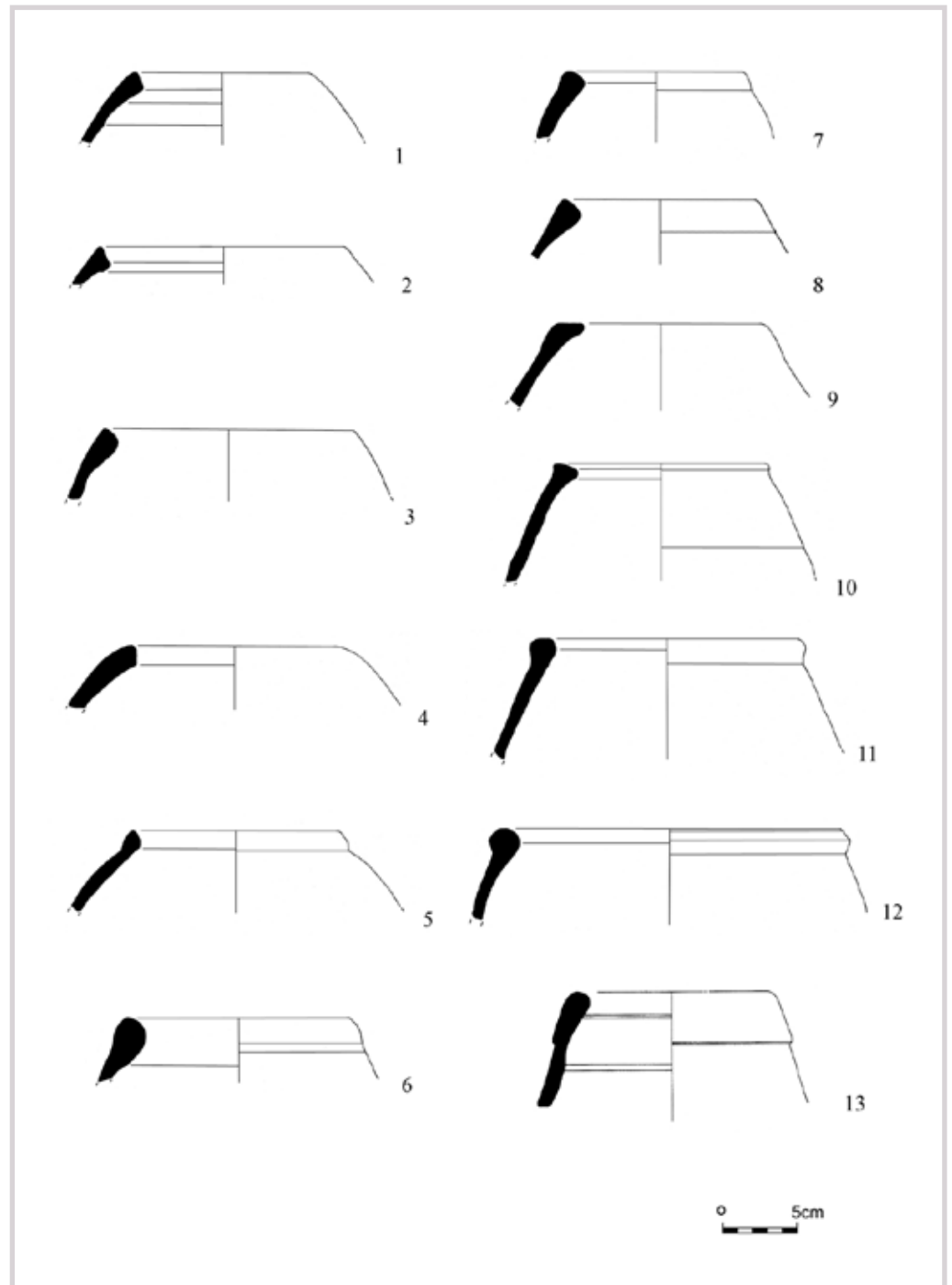


Figura 57
Ânforas do tipo
Maña-Pascual A4.

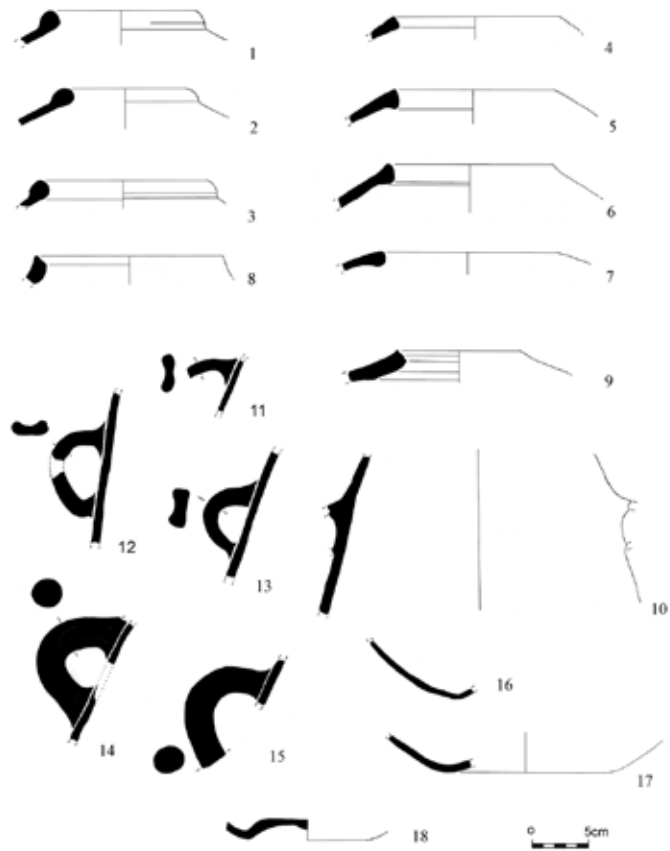


Figura 58
Ânforas e *pithoi*.

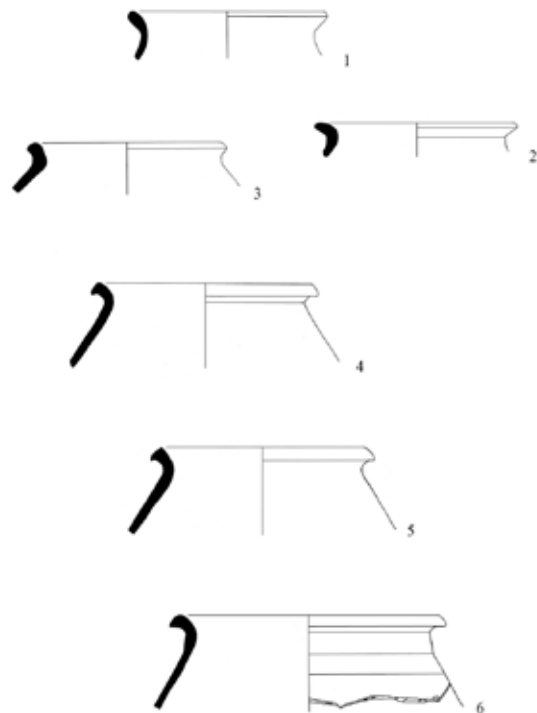


Figura 59
Pithoi.

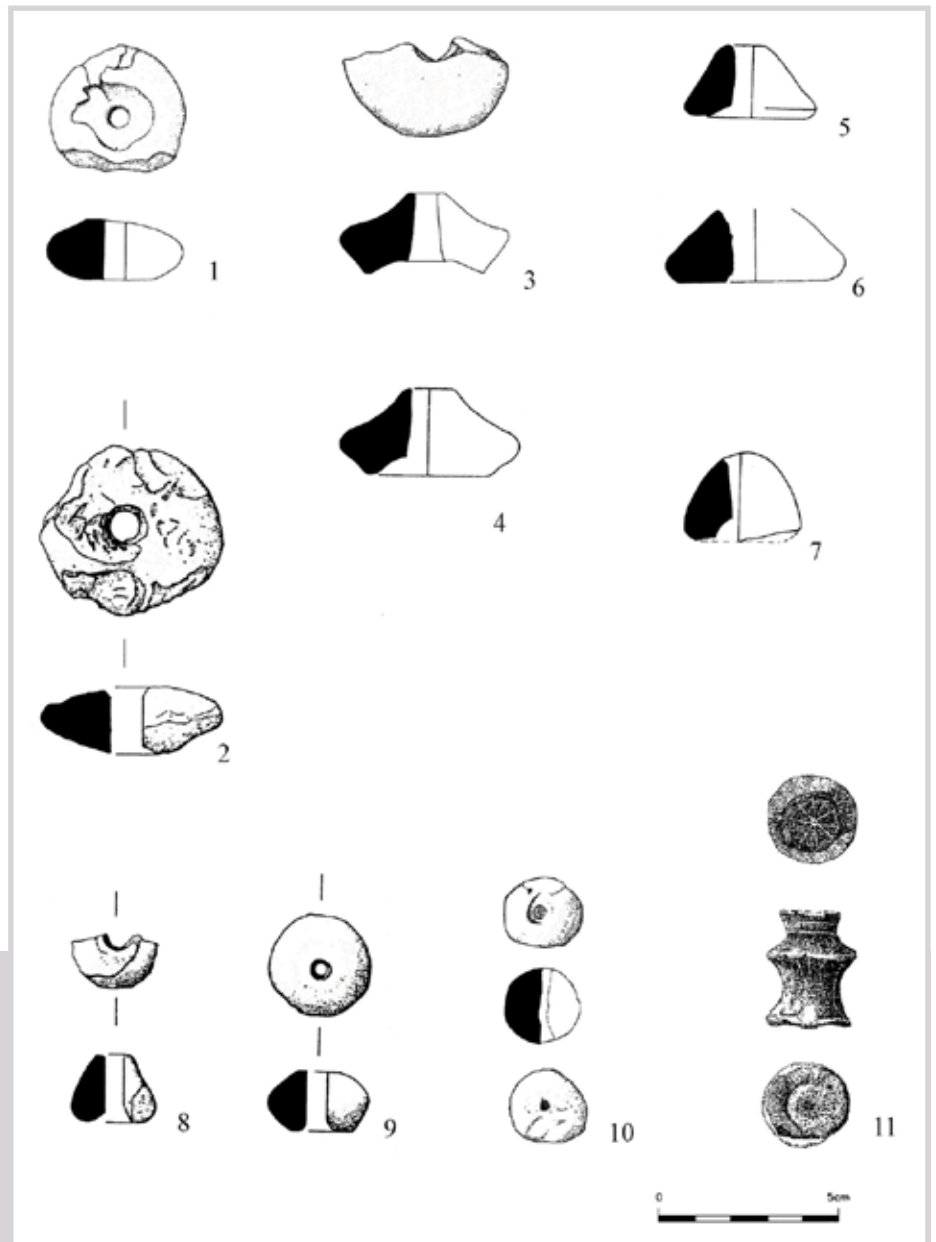


Figura 60
Cossoiros e sinete de
cerâmica.

Figura 61
Sinete de cerâmica.



Figura 62
Fragmento de asa de
jarro ou *oenochoe*.



Figura 63
Fragmento de punho
de espeto ou *obelós*.



Figura 64
Sanguessuga de
bronze, de xorca.



Figura 65
Fecho de cinturão de
bronze tipo Cerdeño
DIII3.



Figura 66
Fecho de cinturão
fêmea de bronze
serpentiforme.



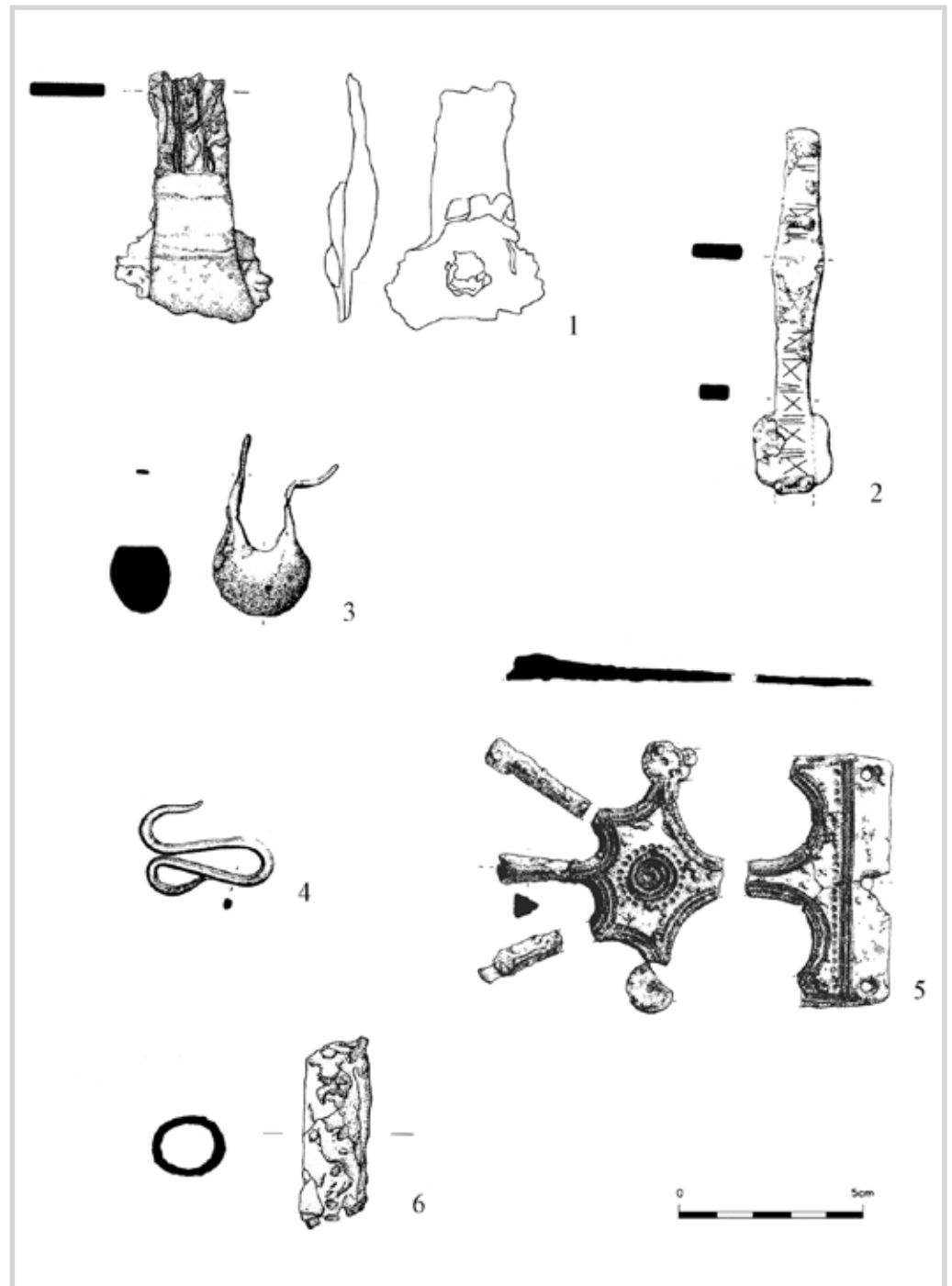


Figura 67

Metais. 1, pega de jarro de bronze; 2, punho de espeto; 3, sanguessuga; 4, fecho de cinturão fêmea, de bronze; 5, fecho de cinturão de bronze tipo Cerdeño DIII3; 6, alvado de lança.



Figura 68
Fíbula anular
hispanica.

Figura 69
Fíbula de campânula
tipo Meseta (33a
Ponte). Falta-lhe a
mola e o fuzilhão:
comprimento 48 mm;
altura 25 mm.

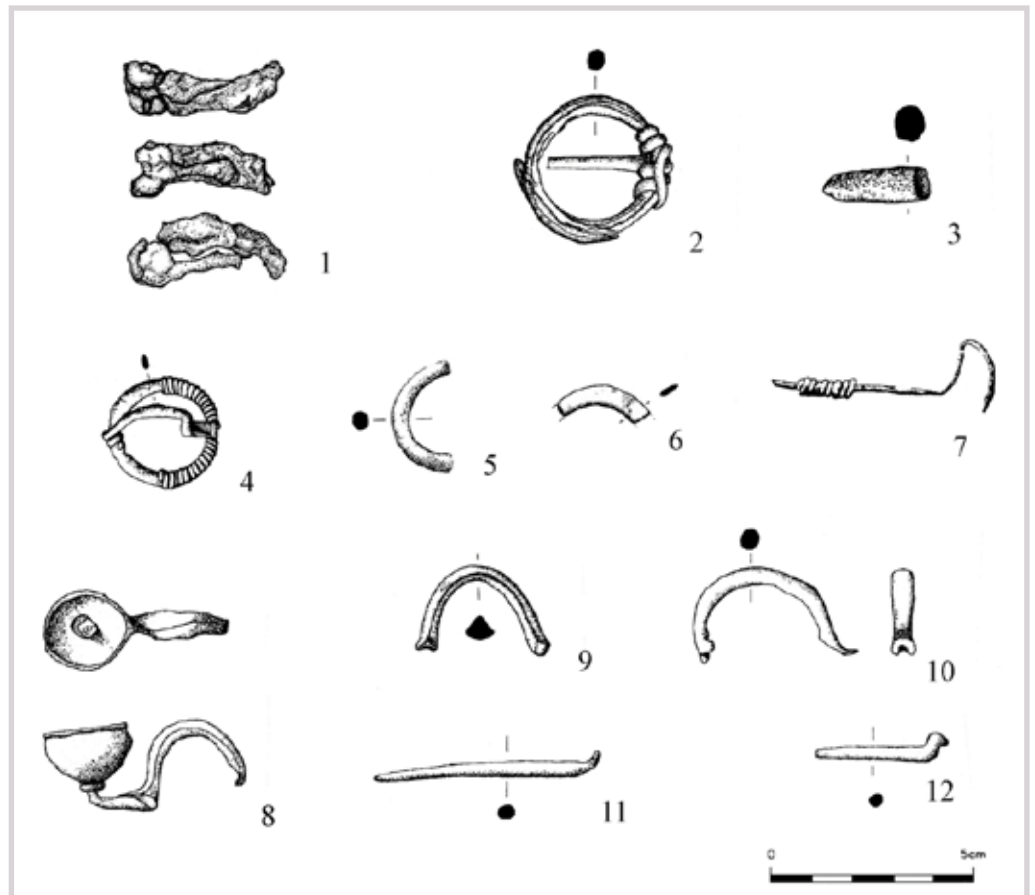


Figura 70
Fíbulas.

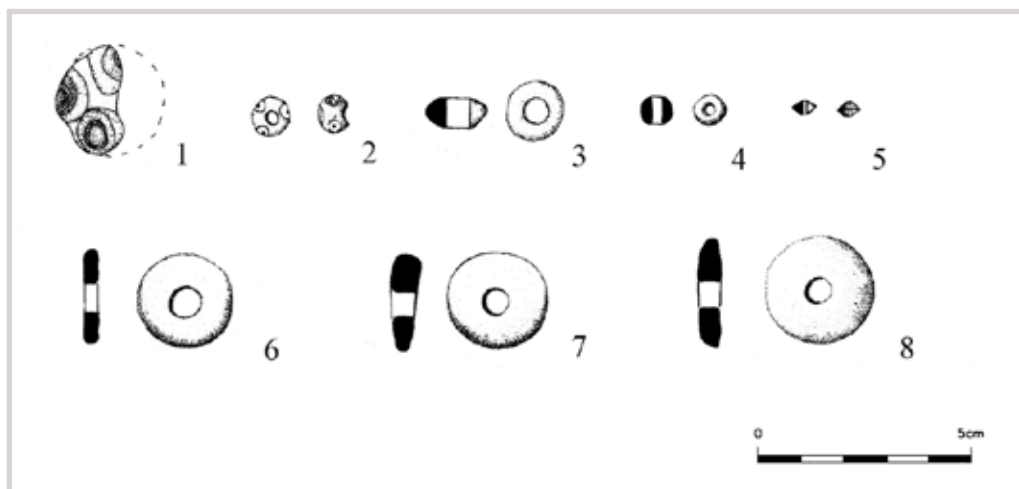


Figura 71
Contas de vidro: 1-5.
Contas de ossos: 6-8.



Figura 72
Contas de vidro.

Em 1987, descobriu-se uma rude escultura zoomórfica, de calcário local, no muro de suporte de terras que se encontrava sobreposto ao «compartimento da ara», nas termas sul.

Aliás, a referida circunstância da descoberta do protomo de Freiria não é singular, porquanto Vaquerizo, no seu trabalho sobre esculturas ibéricas de leões (1997, p. 19), começa precisamente por afirmar que “hasta la fecha, prácticamente la totalidad de leones documentados en el marco de las diversas manifestaciones arqueológicas atribuibles a la cultura ibérica, cuentan con el importante inconveniente de haber sido hallados fuera de contexto arqueológico”.

A peça sempre nos colocou não apenas problemas de datação, visto que foi encontrada fora de contexto, como também de identificação do animal representado e do seu possível contexto original.

Inicialmente, atribuímo-la ao período romano. Considerámo-la uma carranca, representando um felino ou canino de dentes arreganhados, destinada, muito provavelmente, a encimar um dos pilares do portão da *villa*, dada inclusive a sua vaga semelhança com o conhecido mosaico do *Cave Canem* da Casa do Fauno, em Pompeios. No entanto, quando nos visitou, em plena escavação, o então director do Museu de Badajoz, Dr. Guillermo S. Kurtz, sugeriu-nos logo que poderíamos, ao invés, estar em presença de um trabalho mais antigo, inclusive ibérico, datável da II Idade do Ferro.

Em 1996, ao observar com mais atenção a peça, nomeadamente a sua parte inferior, apercebemo-nos de que o animal deveria ser visto na globalidade e detinha, indiscutivelmente, uma forma fálica, em tudo semelhante à de outros amuletos frequentes tanto na época romana como em épocas anteriores. Daí se ter continuado a pensar

na hipótese de a escultura figurar à entrada da *villa* com evidente intenção apotropaica, contra o mau-olhado, como era habitual. E foi nessa base que a apresentámos na exposição *Cascais Romano* (Novembro de 1997).

Porém, após uma análise mais aturada da configuração da peça e tendo-a comparado com outras existentes no Sul da Espanha, fomos levados a repensar o contexto original em que o protomo terá sido integrado, sobretudo tendo em conta também a primeira opinião expendida por Guillermo Kurtz. Na verdade, as figuras de leões e de leoas aparecem amiúde na decoração de túmulos ibéricos na Idade do Ferro. Ora, se tivermos em conta o que atrás se disse acerca da possibilidade de a necrópole romana se haver instalado sobre a necrópole sidérica, não nos repugna que daí possa ter provindo esta escultura, que os Romanos ou, mais provavelmente, os povos que lhes sucederam não hesitaram em utilizá-la como material de construção, certamente por desconhecerem o seu exacto significado ou, até, por a não terem reconhecido como peça escultórica.



Figura 73
Protomo de Freiria.
Dentes arreganhados,
orelhas para trás e
focinho bipartido.

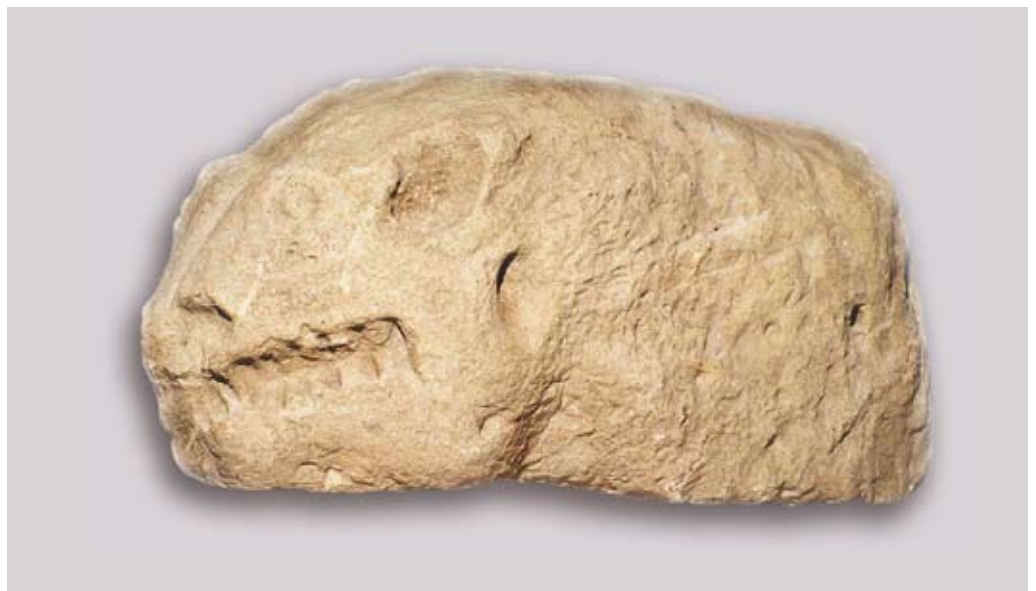


Figura 74
Protomo de Freiria.

Figura 75

Escultura de pedra de leão, datável da Idade do Ferro, recolhido na região de Córdoba, Espanha.



Figura 76

Cabeça de leão, de pedra, da Idade do Ferro, recolhido na região meridional espanhola.



O Sítio Arqueológico de Miroiço, Manique

É um dos mais vastos sítios arqueológicos de Cascais – 50 metros de largura por 200 metros de comprimento. Localiza-se num interflúvio que termina em forma de esporão, no lado norte do vale da ribeira de Caparide.

Foram recolhidos materiais do Calcolítico, Idade do Bronze e do Ferro, dispersos por toda a jazida, mas é do período romano que mais vestígios se encontram, com um cemitério no lado norte e na área sul onde deve estar a *pars urbana* e *rustica* de uma *villa*.

Séculos de lavoura destruíram grande parte dos vestígios. Em 1999, foi escavada a zona norte do sítio, tendo sido identificados um muro e um pequeno forno de cerâmica da Idade do Ferro. Pensamos que o muro faria parte de uma cerca ou muralha, devido à sua largura; o forno fora construído de barro, tendo cúpula de hastes de madeira forrada com barro.

Junto ao muro da cerca e do forno recolheram-se cerâmicas cinzentas e de cor de avelã mas sem grande significado, bem como carvões e conchas de bivalves e de lapas que foram datados no Instituto Técnico Nuclear e que deram datações dos séculos VII-VI a. C. até finais do século IV a. C.



Figura 77

Imagem de satélite do sítio de Miroiço, Manique. De amarelo, estruturas da Idade do Ferro; a verde, área da necrópole romana e tardia; a azul, a zona de dispersão dos vestígios romanos; a vermelho, o sítio onde apareceram materiais de todos os períodos.

Figura 78

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 79

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 80

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 81

Miroiço. Base de muro de cerca da Idade do Ferro.



Figura 82
Miroiço. Forno de
cerâmica da Idade do
Ferro.



Figura 83
Miroiço. Forno de
cerâmica da Idade do
Ferro.



Datações Absolutas

As datações absolutas obtidas por ^{14}C de alguns carvões, ossos e conchas, no antigo laboratório do Instituto Tecnológico e Nuclear (agradecemos ao doutor Monge Soares a elaboração da tabela que apresentamos com todas as datações dos sítios de Miroiço e Freiria), possibilitam-nos confirmar e aferir as datações de Freiria e Miroiço.

Assim, para Miroiço datas que estendem-se desde os finais do século VII - inícios do século VI a. C., até ao século IV a. C.

Para Freiria observa-se que para o estrato IV, correspondente à camada de cinzas da fossa/fundo de cabana, corresponde uma datação entre os finais do século VI a. C. e os finais do século IV a. C., enquanto o estrato II, de enchimento, nos aparece datado já dos séculos IV a. C. a III a. C.

A última fase de ocupação de Freiria também foi datada a partir de materiais orgânicos recolhidos a poente da *pars urbana* romana, área F (fig. 4), junto aos materiais idênticos recolhidos nas áreas E e D (fig. 4). As datas obtidas apontam para os séculos II e I a. C.

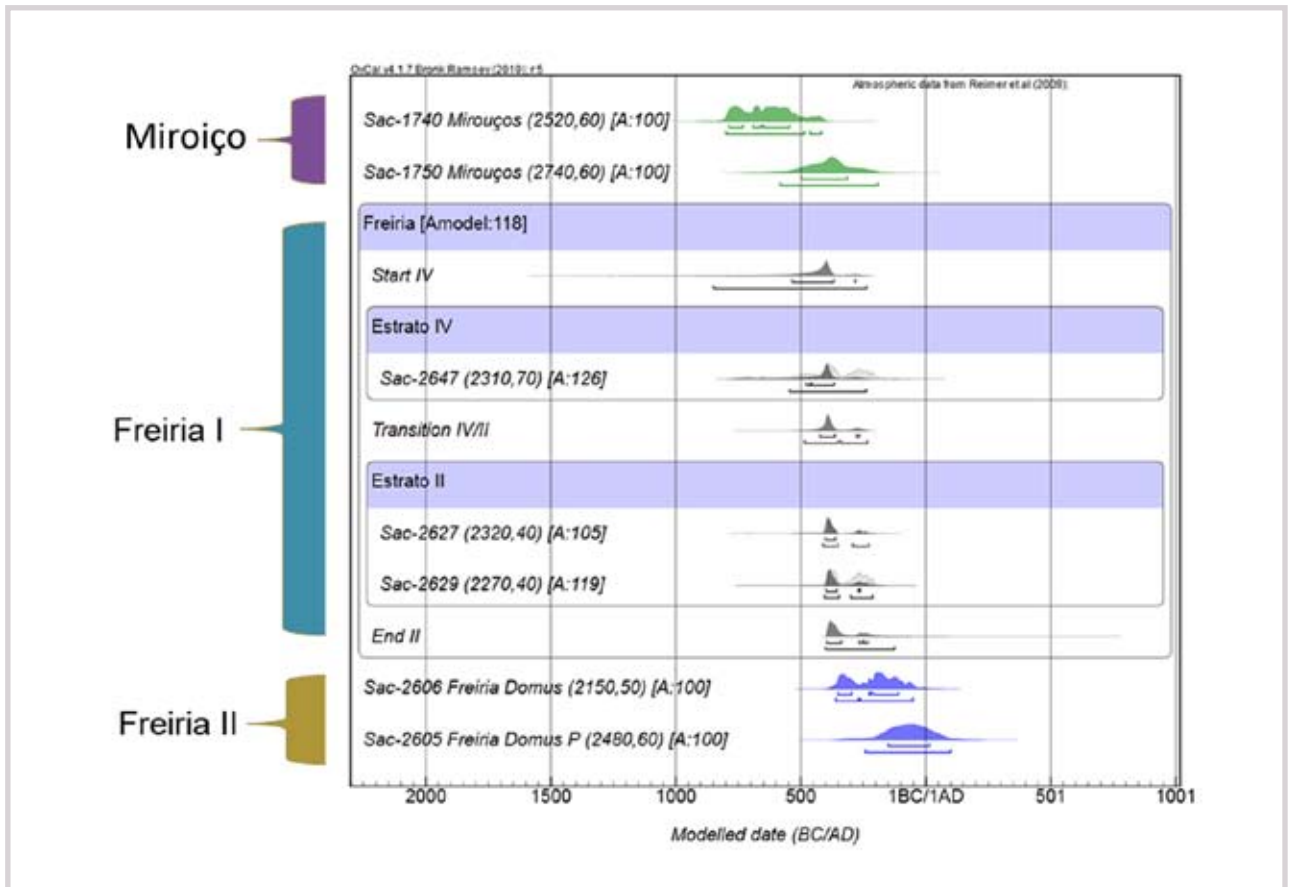


Figura 84
Tabela de datações
de 14C dos sítios
arqueológicos de
Miroiço e Freiria.

Conclusões

A grande área de dispersão de materiais arqueológicos leva-nos a dizer que estamos perante um povoado que teve fundação nos finais da I Idade do Ferro e terá prolongado a sua existência até aos finais da II Idade do Ferro. Pelas dimensões que os vestígios da Idade do Ferro ocupam pensamos que é abusivo tratar Freiria como um simples casal agrícola a exemplo de outros na região, conforme propostas de João Luís Cardoso (Cardoso, 1995) e de Ana Arruda (Arruda, 2005, 57).

Pensamos que a ausência de vestígios da Idade do Bronze final se deva a que, naquele período, a escolha do local para implantação de povoados tenha recaído sobre o Cabeço do Mouro, que fica a cerca de 400 metros a oeste de Freiria e a 150 metros de altitude, o que lhe dava um excelente domínio em todas as direcções (Marques e Andrade, 1975; Cardoso, 1991), ao contrário de Freiria, que se encontra no fundo do vale, à cota dos 90 m. João Luís Cardoso escavou, em 2003, um dos dois locais que localizáramos na encosta oriental daquele cabeço (Cardoso, 1991, nº 141), logo acima de Freiria, tendo verificado, através de datas de radiocarbono, que correspondia ao século IX a. C., podendo atingir a segunda metade do século X, datação compatível com a chegada dos Fenícios ao extremo peninsular, segundo o mesmo investigador (Cardoso, 2006, 45).

Durante o século IV ou nos inícios do III a. C, parece ter existido um abandono de Freiria, que volta a ser ocupada já no final da II Idade do Ferro, durante os séculos II e I a. C., o que é visível através de cerâmicas de decoração brunida e em ânforas do tipo Maña-Pascual A4.

Em síntese, está suficientemente documentado que, tanto em Freiria como em Miroiço, os Romanos vieram instalar-se em locais já anteriormente ocupados, durante milénios,

pelas populações que os antecederam. Preferindo muito embora a encosta soalheira e mais abrigada, deixaram quase intactos os vestígios das ocupações anteriores (ainda descortinamos eventuais trechos de muralha, que serão objecto de futuras escavações). Mau grado o facto de a agricultura intensa que aí se desenvolveu ao longo dos tempos ter destruído as estruturas naturalmente existentes, a identificação das “bolsas” atrás referidas possibilitaram-nos algumas conclusões:

- a ausência de cerâmicas de engobe vermelho e a predominância, num primeiro período, de cerâmicas finas, de cor cinzenta escura e castanha, associadas ao fecho de cinturão, punho de espeto, fíbulas, algumas ânforas e às datações de C^{14} permitem-nos datar a primeira ocupação de Freiria de finais do século VI a. C., na mesma data em que foram ocupados os sítios do Moinho da Atalaia, Outurela e Miroiço;

- são nítidas, por outro lado, designadamente no punho de espeto, no protomo e material anfórico, as influências culturais e económicas da área ibérica mediterrânica, muito provavelmente através dos povos instalados em Alcácer do Sal;

- por outro lado, a fíbula de sino e o fecho de cinturão apontam para influências celtibéricas;

- regista-se, porém, um aumento gradual da presença de cerâmica indígena levantada à mão, o que demonstrará, sem dúvida, que os materiais importados cedo escassearam e a população local começou a fabricar ela própria aquilo de que necessitava para o seu quotidiano;

- no final da Idade do Ferro, parece, por outro lado, ter-se registado, ao nível do material cerâmico, uma influência alheia, quiçá de povos do interior peninsular, portadores de cerâmica cinzenta brunida, cuja representação é – se nos ativermos aos dados de que por enquanto dispomos – demasiadamente escassa para ter havido uma produção local ou uma importação em larga escala.

BIBLIOGRAFIA

- ALONSO LUBIAS, A. (1992) – Broches de cinturón de tipo céltico en la necrópolis de Cerratierme. *In II Symposium de Arqueología Soriana*. Soria, p. 571-584.
- ARANEGUI, C. G. (1985) – Lás jarritas bicónicas grises de tipo Ampuritano. *Ceràmique Gregue i Helenístiques de la Península Ibérica*. Taula Rodona amb motiu del 75è. Aniversari de les excavacions d'Empúries (Empúries, 18-20 març 1983). *Monografies Emporitanes*. VII. Barcelona, p. 101-113.
- ARGENTE, J. L. O., e DÍAZ, A. D. (1996) – *Tiermes Guía del yacimiento y Museo Soria*. Junta de Castilla y León. Tiermes.
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 23. Lisboa, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M., FREITAS, V. T. de, e VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sê de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3. Lisboa, p. 25-59.
- ÁVILA E DE BOLAMA, G. M. d' (1912) – *Nova Carta Chorographica de Portugal*. Toma II. Imprensa Lucas. Lisboa, p. 74.
- BARBERÀ FARRÀS, J. i, SANMARTÍ GREGO, E. I (1982) – *Excavacions al poblament Ibèric de la Penya del Moro de San Just Desvern (Barcelonès) Campanyes 1974-1975 i 1977-1981*. *Monografies Arqueològiques*. 1. Barcelona.
- BARROS, L., CARDOSO, J. L., e SABROSA, A. (1993) – Fenícios na margem Sul do Tejo. *Estudos Orientais*. Instituto Oriental. Vol. IV. Lisboa, p. 143-181.
- CAETANO, J. C. (1998) – *Fechos e Placas de Cinturão Protohistóricos Encontrados em Portugal*. Trabalho elaborado no âmbito do Mestrado em Arqueologia Romana, na Faculdade de Letras de Coimbra.
- CARDOSO, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Câmara Municipal de Cascais. Cascais.
- CARDOSO, G., e ENCARNAÇÃO, J. d' (2000) – Notas sobre a ocupação proto-histórica na *Villa Romana de Freira*. In *Actas Congresso Proto-História Europeia*. *Revista Guimarães*. Número especial. Guimarães, p. 741-756.
- CARDOSO, J. L. (1990) – A presença oriental no povoamento da I Idade do Ferro na região ribeirinha do Estuário do Tejo. *Estudos Orientais*. Vol. I. Instituto Oriental. Lisboa, p. 119-134.
- CARDOSO, J. L., TAVARES DA SILVA, C., MARTINS, F., e ANDRÉ, C. (2010/2011) – O casal agrícola da I Idade do Ferro de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras, p. 75-102.
- CARDOSO, J. L., TAVARES DA SILVA, C., MARTINS, F., e ANDRÉ, C. (2010/2011) – O estabelecimento rural romano Tardo-Republicano e Alto-Imperial de Leião (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18. Oeiras, p. 103-146.
- CORREIA, V. H. (1993) – Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença Fenícia no Baixo Vale do Mondego. *Estudos Orientais*. Instituto Oriental. Vol. IV. Lisboa, p. 229-283.
- DIOGO, A. M. D. (1993) – Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpopmé (Santarém). *Estudos Orientais*. Instituto Oriental. Vol. IV. Lisboa, p. 215-227.
- DIOGO, A. M. D., e TRINDADE, L. (1993-1994) – Materiais provenientes dos Chões de Alpopmé (Santarém). *Conimbriga*. Vol. 32-33. Lisboa, p. 263-281.
- FABIÃO, C. (2001) – Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste Peninsular na segunda metade do I Milénio a. C.: Materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. *Actas do colóquio internacional (Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000)*. Universidade Aberta. Lisboa, p. 197-227.
- GAMITO, T. J. (1986) – Os espetos de bronze do sudoeste peninsular – sua interpretação sócio-ideológica. *Conimbriga*. XXV. Coimbra, p. 23-39.
- GÓMEZ RAMOS, P., e ROVIRA LLORÉNS, S. (2001) – Aspectos metalúrgicos de “El Risco” y de “El Torrejón de Bajo” (Cáceres). In ENRÍQUEZ NAVASCUES, Juan-Javier, RODRÍGUEZ DÍAZ, Alonso, e PAVÓN SOLDEVILLA, Ignacio, *El Risco Excavación de urgencia en Sierra de Fuentes. (Cáceres) – 1991 y 1993*. *Memorias de Arqueología Extremeña*. 4. Cáceres, p. 195-213.
- LÓPEZ MULLOR, A. i, ROVIRA PORT, J. i, e SANMARTÍ GREGO, E. i (1982) – Excavaciones en el poblado Layetano del Turó del Vent Llinars del Vallès. Campañas de 1980 y 1981. *Monografies Arqueològiques*. Vol. 3. Barcelona.
- MARQUES, G. (1982-1983) – Aspectos da Proto-História do território português. II – Povoado de santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. I-II. Sintra, p. 59-88.
- NIEUWENDAM, L., e SANTOS, R. (2008) – *Villa Romana de Vilares, Cascais trabalhos arqueológicos em 2007-2008*. *al-madan online* adenda electrónica. IIª Série. 16. Almada, p. 2 e 3.

- PINTO, C.V., e PARREIRA, R. (1978)** – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas. 1977*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. I. Lisboa, p. 145-163.
- PONTE, S. (2006)** – *Corpus signorum das Fibulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Caleidoscópio. Casal de Cambra.
- SOUSA, E. R. B. de (2011)** – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.* Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa Faculdade de Letras. Departamento de História. Policopiada.
- RAMONTORRES, J. (1995)** – *Las Ánforas Fenicio-Púnicas del Mediterráneo Central y Occidental*. Col. Lección Instrumenta. 2. Barcelona. Publicacions universitat de Barcelona.
- VAQUERIZO, D. G., (1997)** – El León símbolo del poder. *Revista de Arqueología*. N.º 197. Madrid, p. 18-27.

NOTAS

- ¹ Cardoso, Guilherme, «Análise espacial da região litoral oeste de Lisboa no Neolítico e Calcolítico». Trabalho do Seminário de Arqueologia de licenciatura apresentado no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1995. Inédito.